

# ENSAIO SOBRE O ARREBATAMENTO AOS FIÉIS EM JESUS (O MESSIAS)

Essay on the Rapture to the Faithful in Jesus (The Messiah)

*Laís Raysa Lopes Ferreira\**

250

---

**Resumo:** Grande é o interesse em assuntos relacionados à ‘doutrina das últimas coisas’ (escatologia bíblica), dada a indicação de proximidade do fim da atual era (ERICKSON, 2010; HITCHCOCK & KINLEY, 2019; WALVOORD, 2021; FERREIRA, 2022) – o tema é polêmico e enigmático, pois os registros nas Escrituras são proféticos (ainda não se cumpriram); havendo divergências entre os expositores da temática (SILVA, 2014). Em um tempo de “pane escatológico” (ERICKSON, 2010) (por diferenças de interpretação e convicção), os ‘pré-tribulacionistas’ (da raiz ‘pré-milenista’, crença dominante durante o período apostólico da igreja primitiva) mantém viva a discussão doutrinária (ERICKSON, 2010). No segmento evangélico nacional brasileiro, por exemplo, essa é a crença mais popularizada (sendo a da ramificação pentecostal) (BRASIL, 2022a; BRASIL, 2022b). Por tal perspectiva, como o entendimento doutrinário acerca do ‘arrebatamento’ é assunto de grande importância prática (seletiva, considerando-se a sequência de episódios anteriores, e por vir), e que afeta a natureza da esperança em relação à ‘segunda vinda de Jesus Cristo’ (WALVOORD, 2021); é mister que o seu ensino (sendo popular) não seja deturpado (VILLAS BOAS, 20-?), e conforme a doutrina bíblica, quanto à natureza da ‘grande tribulação’ (PENTECOST, 2006). Como credo popular de uma maioria evangélica brasileira, a perspectiva ‘pré-tribulacionista’ será aqui analisada. Em relação às principais questões acerca da escatologia bíblica, o presente estudo visa contribuir para o alinhamento de perspectivas doutrinárias, considerando-se a expectativa por eventos vindouros, de enorme impacto – numa preparação de crentes em Jesus (o Messias), todos (e os em potencial, ainda não decididos), orientados e fortalecidos na fé.

**Palavras-chave:** Escatologia Bíblica, Apocalipse, Pentecostalismo, Arrebatamento.

**Abstract:** There is great interest in subjects related to the ‘doctrine of the last things’ (biblical eschatology), due to the indication of the proximity of the end of the current era (ERICKSON, 2010; HITCHCOCK & KINLEY, 2019; WALVOORD, 2021; FERREIRA, 2022) – the theme is controversial and enigmatic, as the records in the Scriptures are prophetic (they have not yet been fulfilled); there are divergences between the presenters of the topic (SILVA, 2014). In a time of “eschatological breakdown” (ERICKSON, 2010) (about the differences in interpretation and conviction), ‘pre-tribulationists’ (from the ‘pre-millennial’ root, dominant belief during the apostolic period of the early church) keep the doctrinal discussion alive (ERICKSON, 2010). In the Brazilian national evangelical segment, for example, this is the most popular belief (being that of the Pentecostal branch) (BRASIL, 2022a; BRASIL, 2022b). From this perspective, as the doctrinal understanding of the ‘rapture’ is a matter of great practical importance (selective, considering the sequence of previous episodes, and to come), and which affects the nature of hope in relation to the ‘second coming of Jesus Christ’ (WALVOORD, 2021); it is important that your teaching (being popular) is not distorted (VILLAS BOAS, 20-?), and according to biblical doctrine, regarding the nature of the ‘great tribulation’ (PENTECOST, 2006). As a popular creed of a Brazilian evangelical majority, the ‘pre-tribulationist’ perspective will be analyzed here. In relation to the main questions surrounding biblical eschatology, the present study aims to contribute to the alignment of doctrinal perspectives, considering the expectation for upcoming events, of enormous impact – in a preparation of believers in Jesus (the Messiah), all (and potential ones, not yet decided), guided and strengthened in faith.

**Keywords:** Biblical Eschatology, Apocalypse, Pentecostalism, Rapture.

\* Mestre em Meteorologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduada em Ciências Náuticas pelo Centro de Instrução Almirante Braz de Aguiar (CIABA). Professora do Magistério Superior - Marinha do Brasil (CIAGA). Capitã de Cabotagem da Marinha Mercante, com experiência na área marítima (navegação de cabotagem, longo-curso e *offshore*).

## Introdução

Desde o final do segundo milênio cristão (calendário romano), o interesse peculiar pela escatologia bíblica tem sido crescente, dado o curso da história em “um mundo em emergência”, segundo Erickson (2010): “hoje chegamos a uma etapa na história do mundo em que somos capazes de aniquilar a totalidade da raça humana [...] no passado cada nação e grupo racial podia ter sua própria história [...] mas teremos apenas um só futuro” (ERICKSON, p. 56, 2010).

A literatura apocalíptica<sup>1</sup> ou escatológica é a forma mais misteriosa que podemos encontrar na Bíblia – para Melo (p. 25, 2021), o livro do Apocalipse (uma escritura profética), por exemplo, não é de particular interpretação.

Acerca da *doutrina das últimas coisas*, existem diversas linhas interpretativas, como citado em Melo (2021); no entanto, os *pré-tribulacionistas* (de raiz *pré-milenista*, cujos fundamentos estão na igreja primitiva, período apostólico) ao darem uma atenção especial às dimensões escatológicas da totalidade da Escritura, têm mantido viva a discussão da escatologia em tempos que outros tem se calado, conforme Erickson (2010). A temática do *arrebatamento* (cf. 1Ts 4.17), uma das principais questões em debate na escatologia conservadora<sup>2</sup>, tem grande importância para a esperança dos fiéis em Jesus Cristo, como destacado por Walvoord (p. 18, 2021).

“A maneira de ler, compreender e interpretar a teologia escatológica afetará consideravelmente nossa maneira de viver neste mundo e aguardar o mundo vindouro” (MELO, p. 31, 2021).

---

<sup>1</sup> “Um gênero literário à parte [...] os textos classificados dentro do gênero apocalíptico abordam sempre uma revelação sobrenatural recebida por um vidente, seja por uma visão ou por uma viagem astral aos céus e/ou inferno” (RIBEIRO, p. 28, 2023). “Foi só no século IV que o “Apocalipse” de João entrou definitivamente na Bíblia como conhecemos hoje. Mesmo assim, a Igreja Oriental só o aceitou como inspirado após o século VII (ALVES, 1988)” (RIBEIRO, p. 27, 2023).

<sup>2</sup> A partir de perspectiva acerca do método literal de interpretação: “os ‘pais da Igreja’ utilizaram o método literal [...] a interpretação literal permaneceu (se conservou) e tornou-se a base sobre a qual repousa toda a exegese correta” (PENTECOSTI, p. 61, 2006) – tendo-se firmado nos séculos XIX e XX, conforme Silva (p. 28, 2014). Tal perspectiva é negligenciada pelo liberalismo moderno; que nega as Escrituras, conforme Walvoord (p. 18, 2021). “É impossível discutir as questões pertinentes ao tempo do arrebatamento sem assumir a autoridade das Escrituras” (WALVOORD, p. 19, 2021).

Em relação à população evangélica nacional, a crença *pré-milenista e pré-tribulacionista* é a mais popular (sendo a do segmento pentecostal) (BRASIL, 2022a; BRASIL, 2022b) – assim, democraticamente, a análise que será aqui apresentada baseia-se nesta perspectiva doutrinária.

De antemão, ressalta-se que a doutrina escatológica *pré-tribulacionista* é bíblica, amplamente e teologicamente discutida, fundamentada, e consolidada – no entanto, ocorre que, a sua apresentação (ou explanação), especialmente ao público leigo, ou aos populares (maioria evangélica brasileira), precisa estar alinhada à Palavra do Senhor, o mais corretamente (nada além, ou aquém da mesma), atendendo aos melhores critérios.

Em relação à popularização da crença, há a possibilidade de que se comuniquem erros<sup>3</sup>, até suaves (ou deslizos): “um deslize da verdade, geralmente, é resultado da falta de atenção mais do que de propósito” (VILLAS BOAS, p.27, 20-?).

Na perspectiva *pré-tribulacionista*, acerca dos anseios e expectativas humanas, algumas questões se evidenciam<sup>4</sup>: qual será o momento da *transladação* dos fiéis em Jesus, o Cristo? E, como estar preparado para este evento do *arrebatamento* ?

Atualmente, conforme a atmosfera que tem envolvido a igreja evangélica, a ênfase é por um cristianismo fácil e egoísta, de acordo com MacArthur Jr. (2020), que favorece atitudes não-bíblicas entre os crentes com relação aos sofrimentos e perseguições. “Além da aversão natural à dor e à dificuldade, muitos cristãos acham que as adversidades nem deveriam cruzar o seu caminho [...] Mas essa não era a mentalidade dos seguidores de Cristo nos primeiros dias da Igreja<sup>5</sup>” (MacARTHUR Jr., p. 07, 2020).

---

<sup>3</sup> Ocorre também que os anunciadores da Palavra do Senhor são seres humanos; portanto, falhos (FERREIRA, 2021).

<sup>4</sup> “Questões de se a Igreja será arrebatada antes ou depois da ‘grande tribulação’ têm se tornado mais importantes do que nunca” (WALVOORD, p. 12, 2021). Não sendo trivial, “é um assunto de grandes implicações práticas e doutrinárias” (WALVOORD, p. 20, 2021).

<sup>5</sup> Perseguições à igreja “foram locais e esporádicas até 250, quando se tornaram gerais e violentas” (CAIRNS, p. 77, 2008). “Os primeiros editos com ordem de perseguição aos cristãos foram promulgados em março de 303. Diocleciano (imperador, líder militar forte) ordenou o fim das reuniões cristãs, a destruição das igrejas, a

Tribulações são características da luta diária dos santos e fazem parte de todas as dispensações<sup>6</sup>, conforme Walvoord (p. 51, 2021); “todavia, as Escrituras claramente ensinam que [...] há a perspectiva de um *período futuro de singular tribulação*, que obscurecerá e se diferenciará de todos os períodos de ‘tribulação’ anteriores” (WALVOORD, p. 51, 2021) – a *grande tribulação*<sup>7</sup>, como amplamente denominado.

O credo evangélico da maioria da população nacional é de caráter pentecostal (BRASIL, 2022a; BRASIL, 2022b) – cuja ramificação denominacional ‘Assembléia de Deus’ é a mais popular (BRASIL, 2022a; BRASIL, 2022b); e que, professa e ensina que o arrebatamento da Igreja ocorrerá num período anterior à *grande tribulação* (mais adequadamente, *ira de Deus*), para “os que ficarem vivos” (cf. 1 Ts 4.17) (CONVENÇÃO DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL, 2016). No entanto, sendo uma doutrina bíblica, não se aplica apenas ao segmento evangélico pentecostal; mas, a todos os fiéis em Jesus, o Cristo.

Dada a complexidade da temática escatológica e a popularização de sua exposição, o ensaio sobre o *arrebatamento* aqui apresentado evidencia as principais questões acerca da escatologia bíblica em relação à ‘doutrina sobre o *rapto* dos crentes em Jesus’<sup>8</sup>, o Cristo (perspectiva *pré-tribulacionista*, em foco); a fim de contribuir para a devida preparação dos fiéis (e dos em potencial, ainda

---

deposição dos oficiais da Igreja, a prisão daqueles que persistissem em seu testemunho de Cristo e a destruição das Escrituras pelo fogo. [...] Um último edito obrigou os cristãos a sacrificarem aos deuses pagãos sob pena de morte [...]. Eusébio conta que as prisões ficaram tão cheias de líderes cristãos e crentes comuns que não havia lugar suficiente para os criminosos. Os cristãos foram punidos com o confisco de bens, exílio, prisões ou execuções à espada ou por animais ferozes” (CAIRNS, p. 79 – 80, 2008). “Durante esse tempo, a idéia de Tertuliano de que “o sangue dos cristãos é a semente” (da Igreja) se transformou numa terrível realidade [...] a Igreja continuou a se desenvolver apesar disso” (CAIRNS, p. 73, 2008).

<sup>6</sup> Cf. Jo 15.20; Rm 5.3; Rm 8.35; 12.22; 2Co 1.4; 7.4; Ef 3.13; 2Ts 1.4; Ap 1.9; 2.9-10 (WALVOORD, p.51, 2021).

<sup>7</sup> “A interpretação das Escrituras em relação à ‘grande tribulação’ é, em primeiro lugar, um grande problema exegético” (WALVOORD, p. 21, 2021). “A questão da passagem da Igreja pela ‘grande tribulação’ depende da compreensão da natureza da ‘grande tribulação’” (WALVOORD, p. 21, 2021). “O estudo da natureza da ‘grande tribulação’ é um grande problema teológico” (WALVOORD, p. 21, 2021).

<sup>8</sup> Conforme Melo (p. 22, 2021), pela perspectiva *pré-tribulacionista* (de confissão da fé pentecostal) compreende-se que o desencadeamento escatológico acontecerá a partir do arrebatamento da Igreja e culminará com o ‘novo céu e nova terra’.

por decidir)<sup>9</sup> para o tempo do fim: todos – os que acreditam na totalidade das Escrituras, os que ainda duvidam, ou, os que não a aplicam corretamente (por limitada orientação teológica), por exemplo<sup>10</sup> – pela tentativa de alinhamento quanto às perspectivas doutrinárias<sup>11</sup>.

### **O apocalipse como ele é: uma profecia (para os povos)**

O termo *Revelação* (tradução de *apokalypsis*, do grego: ‘descoberta’ ou ‘descerramento’) transmite tanto o conteúdo quanto a natureza do livro de Apocalipse<sup>12</sup> – uma forma de profecia cristã especializada e dramática – em que a essência da comunicação é a Palavra de Deus (cf. Ap. 1.9; 6.9; 17.17; 19.9; 19.13; 20.4), conforme Rotz (p. 39 - 44, 2015).

“Único livro da Bíblia que começa e acaba com uma promessa de benção a todo aquele que o lê, ouve, e guardam as coisas que nele estão escritas” (ALEXANDRE JÚNIOR, p. 647, 2021), Rotz (p. 40, 2015) afirma que há no escrito uma mensagem para cada geração, até o retorno de Cristo – foram visões e audições experimentadas na Ilha de Patmos (a voz de Cristo foi ouvida, o que enfatiza o papel divino na inspiração), refletidas e registradas por João, num trabalho complexo literário (que convida a igreja ao arrependimento e a ser uma testemunha fiel).

<sup>9</sup> No tocante à ‘igreja universal’, que é interdenominacional: “a identidade dos arrebatados é descrita como aqueles ‘que crêem que Cristo morreu e ressuscitou’ (cf. 1 Ts 4. 14) (WALVOORD, p. 133)” – Pentecost (2006) pontua ser “os que tenham ‘nascido de novo’ e recebido a Sua vinda” (PENTECOST, p. 223, 2006), e os que não consideram a terra como ‘habitação permanente’ (*katoikeo*), ou seja, não “se estabeleceram na terra como se fosse sua verdadeira casa” (PENTECOST, p. 221, 2006).

<sup>10</sup> “O teólogo que apenas uma geração atrás poderia desprezar inteiramente as questões escatológicas ou tratá-las com desdém passa a ser antiquado em sua maneira de pensar se adotar essa atitude hoje. O otimismo fácil da última geração foi abalado por duas guerras mundias, pela depressão [...] A tônica humanista que caracterizava aquele pensamento teológico mostrou-se enganosa. O realismo tomou o lugar do otimismo” (PENTECOST, p. 05, 2006), e as considerações escatológicas devem ser fonte de esperança, num mundo dirigido pelo pecado, conforme o autor.

<sup>11</sup> “A escatologia bíblica é uma daquelas áreas em que, na melhor das hipóteses, os crentes concordam em discordar” (PENTECOST, p. 09, 2006). Dada a importância prática do assunto, “os argumentos que dão apoio às várias visões necessitam ser revisados, e corrigidos, se necessário” (WALVOORD, p. 12, 2021).

<sup>12</sup> “Apocalipse foi reconhecido como obra canônica e apostólica, beneficiando-se do testemunho generalizado da patrística” (ALEXANDRE JÚNIOR, p. 626, 2021).

O livro, que pertence ao gênero da literatura apocalíptica (RIBEIRO, p. 28, 2023), conforme Brand et al. (p. 98, 2018), é na realidade uma combinação de três gêneros literários: i) apocaliptismo (forma exagerada ou intensificada de profecia, a partir de linguagem ricamente simbólica e críptica para retratar a vindicação dramática e a vitória de Deus e do seu povo no fim dos tempos) – que “proporciona um vislumbre de justiça e vida significativa baseados no Reino de Deus” (ROTZ, p. 44, 2015); ii) profecia (palavra de proclamação direta da parte de Deus ao seu povo por meio dos seus servos, predizendo, anunciando de ante-mão) – “que critica a situação histórica e transmite a orientação de Deus à igreja” (ROTZ, p. 44, 2015); iii) epístola (carta que se dirige às necessidades de igrejas específicas) – “seu intento pastoral é advertir e encorajar pessoas presas a um contexto sociopolítico irresistível” (ROTZ, p. 44, 2015). “A complexidade do gênero do Apocalipse indica seu propósito multifacetado [...] e, como literatura de sabedoria, desafia a igreja ao discernimento sério da mensagem” (ROTZ, p.44, 2015).

Angus (p. 739, 2003) destaca que “a Revelação” é a manifestação acerca de vários assuntos que se achavam em oculto (finalmente, apresentados a *João*<sup>13</sup> pelo Senhor Jesus Cristo). “O propósito do escrito é revelar verdades acerca de Jesus que jamais conheceríamos se não tivéssemos esse livro; a fim de dilatar e antecipar nosso conhecimento sobre o futuro da igreja e o fim dos tempos” (ALEXANDRE JÚNIOR, p. 647, 2021). Rotz (p. 40, 2015) afirma que o nome *João* (no hebraico, *Yochanan*) era bastante comum entre os judeus do primeiro século – o autor chama-se de um servo que torna conhecido “as coisas que brevemente devem acontecer” (1.1) e um irmão que compartilha a aflição, o reino, a paciência (v. 9). Stern (2008) aponta para o texto original do livro como

---

<sup>13</sup> “Uma forte prova primitiva identifica este João como o apóstolo que, segundo a tradição cristã, foi exilado em Patmos. Não há evidência convincente para negar esta associação” (ROTZ, p. 42, 2015).

“Revelação que Deus deu a *Yeshua*, o Messias<sup>14</sup>, que ele [...] comunicou ao enviar seu anjo a *Yochanan*” (STERN, p. 858, 2008):

“A palavra grega para ‘Messias’ é *Christos*, que tem o mesmo significado que a hebraica *Mashiach*, a saber, ‘ungido’ ou ‘aquele sobre o qual foi derramado’ [...] Inerentemente ao conceito de ‘Messias’ é a idéia de receber autoridade sacerdotal e real da parte de Deus. A decisão do tradutor de usar ‘Cristo’, ‘Messias’ ou *Mashiach* depende do propósito de sua tradução. [...] ‘Messias’ tem um significado na religião judaica, em sua tradição e cultura; enquanto a palavra *Christos* tem um tom estrangeiro” (STERN, p. 25 - 26, 2008).

Os *gentios* em Antioquia (e não os judeus) rotularam de *cristãos* (povo de Cristo) os seguidores de Jesus de Nazaré<sup>15</sup>, devido à convicção que tinham em anunciá-lo como o *Messias* – “os *gentios* não tinham embaraços e, de fato, ignoravam as implicações (políticas) desse nome<sup>16</sup>. O constante uso da palavra *Cristo* pareceria sem sentido para os judeus” (GUTHRIE, p. 238 - 239, 2011). No entanto, a consciência era a de que “Jesus era o agente de Deus para a redenção de seu povo, interpretado em um sentido espiritual, e não em um sentido nacionalista” (GUTHRIE, p. 244, 2011). A partir de fontes históricas, Vidal (p. 364, 2021) concluiu que Jesus foi quem afirmou ser, e quem seus ouvintes creram que Ele foi – Ele não era exatamente um simples mestre, profeta, ou rabino – havia a “convicção de que Jesus havia cumprido as profecias messiânicas contidas nas Escrituras hebraicas (Lucas 24.25-32)” (VIDAL, p. 398, 2021).

<sup>14</sup> “A partir da era cristã, o *messianismo* judaico e o *messianismo* cristão se diferenciaram” (DESROCHE, p. 12, 1969).

<sup>15</sup> “O cristianismo tornou-se a mais global e universal de todas as religiões que surgiram no passado, tanto no Oriente Próximo quanto no Extremo Oriente. [...] e tem sido cada vez mais influente na história da espécie humana” (CAIRNS, p.17, 2008).

<sup>16</sup> Em relação ao termo *messianismo*, de fato, “implica uma ligação essencial dos fatores religiosos e dos fatores sociais, do espiritual e do temporal, dos valores celestiais e dos valores terrenos, tanto na desordem, cuja abolição defende, como também na nova ordem que anunciam o estabelecimento” (DESROCHE, p. 07, 1969). No entanto, ao considerar Jesus como ‘o Messias’, por exemplo, Vidal (p. 417 - 418, 2021) aponta para profecias acerca de circunstâncias relacionadas aos eventos posteriores à sua morte; ou seja, ações de caráter messiânico ainda futuras (por se completarem) – cristãos consideram a ‘segunda volta de Cristo’ como o período para a completude dessas ações, à nível terreno, por uma ‘revelação progressiva’ acerca do Cristo (STERN, p. 98 - 101, 2008; GUTHRIE, p. 50 - 51, 2011; CONVENÇÃO DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL, 2016) – “No judaísmo posterior, encontramos referências a como o Messias seria revelado, como ele morreria, como seria levado ao céu por Deus e, depois de um tempo voltaria (*Midrash Rabbah* de Rute 5.6; *Midrash* de Rute 2.4; 2 Baruque 30. 1-5 etc.)” (VIDAL, p. 418, 2021).

Guthrie (p. 341 - 342, 2011) conclui que a descrição neo-testamentária de Jesus como Deus é a Sua mais importante – “quando Jesus é chamado de Deus, isso se torna ainda mais notável, principalmente diante do forte monoteísmo dos judeus” (GUTHRIE, p. 342, 2011). De fato, é um título inédito, supremo – ante a falibilidade da essência humana<sup>17</sup> (FERREIRA, 2021) – e, de caráter místico<sup>18</sup>. “Uma abordagem teocêntrica da teologia do Novo Testamento verá Deus em Cristo, reconciliando o mundo consigo mesmo” (GUTHRIE, p. 54, 2011)<sup>19</sup>. O viés místico ou transcendental<sup>20</sup> circunstancial é, hoje, melhor percebido, conforme pensamento científico para o século 21 (FERREIRA, p. 27 - 28, 2022)<sup>21</sup>.

O livro do Apocalipse é totalmente teocêntrico com um nível alto de Cristologia – Deus é *YHWH*, Aquele “que É, que Era e que há de vir” (1.4), e que controla o mundo (o “reino” temporário do mal é uma ilusão), conforme Rotz (p. 49, 2015). A Cristologia é a doutrina primária a ser considerada, em

---

<sup>17</sup> “A noção de um profeta vindouro era forte na crença judaica (GUTHRIE, p. 272, 2011). “Historicamente, não faltaram personagens alegando ser o Messias anunciado nas Escrituras. Não há exemplos antes de Jesus, mas, depois da sua morte eles abundaram desde o século I até o final do século 20, quando morreu *Menajem Mendel Schneerson*, um personagem cujos seguidores judeus consideravam o Messias da época” (VIDAL, p. 398, 2021).

<sup>18</sup> “Ao longo da história, a força do cristianismo genuíno tem sido preservada também pelo ministério visionário e profético [...] ninguém pode questionar a importância da influência da revelação divina [...] que contribuíram para uma permanente e genuína reforma da Igreja para incidir na transformação do mundo” (ESCOBAR, p.17 - 18, 2016). No entanto, é importante haver o discernimento, para que visões não sejam como “uma mera experiência mística extrassensorial, ou como vivência reservada apenas a alguns poucos personagens (ditos) escolhidos por Deus que, na verdade, acabam sendo ‘visionários oportunistas’ diante das crises ou necessidades das pessoas” (ESCOBAR, p. 19, 2016).

<sup>19</sup> “Não se pode supor que tenha havido uma compreensão imediata e plena de todos os aspectos da pessoa de Cristo. No entanto, as várias expressões da maneira pela qual os cristãos pensavam Cristo foram percepções crescentes daquilo que sempre foi implicitamente entendido. O senhorio de Cristo é um exemplo típico. Sugerir que ele não era compreendido pela igreja palestina é uma manipulação da evidência (cf. At 2.36)” (GUTHRIE, p. 408, 2011).

<sup>20</sup> “Jesus advertiu sobre o perigo dos últimos dias, dizendo: ‘Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas e farão tão grandes sinais e prodígios, que, se possível fora, enganariam até os escolhidos’ (Mt 24.24). Essa advertência de Jesus implica na idéia do grande poder ilusionista que têm os falsos profetas que se levantarão nos últimos tempos” (ESCOBAR, p. 80, 2016). Acerca do futuro, declarações feitas por Jesus foram explícitas: “o próprio Jesus a predisse” (GUTHRIE, p. 797, 2011).

<sup>21</sup> “Muitos cientistas acreditam hoje que tudo aquilo que conhecemos como nosso mundo é, no final das contas, feito da mesma substância: ínfimos pacotes de luz (*quanta*) que vibram em diferentes velocidades” (BRADEN, p. 95, 2018). “O físico *Max Planck*, ganhador do Prêmio Nobel, chocou o mundo com suas descrições das forças invisíveis da natureza. Ao receber o Prêmio Nobel por seus estudos do átomo, ele fez uma declaração notável: “Como um homem que devotou toda a sua vida à ciência mais lúcida, o estudo da matéria, o que posso dizer sobre o resultado das minhas pesquisas sobre o átomo é: ‘A matéria, como tal, não existe!’ [...] Temos de admitir a existência de uma mente consciente e inteligente por trás dessa força. Essa mente é a matriz de toda a matéria.” (BRADEN, p. 104, 2018).

relação à teologia do Novo Testamento (que é essencialmente acerca de Jesus Cristo), como relatado em Guthrie (p. 54, 2011).

“Em Apocalipse, o Cordeiro é a principal imagem de Cristo (5.9; 7.14; 12.11), que triunfou como o Cordeiro morto (5.6, 9, 12; 13.8), que é também um Cordeiro conquistador (5.6; 17.14) e o “Leão da Tribo de Judá” (5.5). O sacrifício do Cordeiro inicia a queda final de satanás. É a base da vitória dos santos (12.11) e sua posição como reino e sacerdotes (1.6; 5.9-10) [...] Pela divina graça, o Cordeiro morreu para redimir cada povo, tribo e nação (5.9-10; 20.15; 21.27), no entanto, as pessoas são responsáveis por suas escolhas (20.12-13) [...] Na forte cristologia do Apocalipse, o Cordeiro compartilha o trono de Deus (3.21; 7.17). Como o “Alfa e Ômega” (1.8), Deus (1.8; 21.6), e Cristo (1.17; 22.13) são o “Primeiro e o Último” (1.17; 22.13), “o Começo e o Fim” (21.6; 22.13). Ambos demonstram ira contra o mal (6.16) e proporcionam salvação (7.10). Por meio de Cristo, Deus reina (11.15). Anjos que não podem ser adorados (19.10; 22. 8-9) são claramente distinguidos de Jesus, que é devidamente adorado como Deus (4.10-11; 5.8-10, 13, 14)” (ROTZ, p. 50, 2015).

“Nenhuma outra parte das Sagradas Escrituras é mais difícil do que o Apocalipse, e por isso também, nenhum outro livro bíblico tem tido tantas e tão variadas explicações” (ANGUS, p. 743, 2003).

259

De acordo com Stern (p. 857, 2008), o livro da Revelação polariza os leitores: alguns o consideram a explicação do futuro; outros o acham totalmente obscuro, ou o repudiam por achar que não faz sentido algum – alguns consideram que sua linguagem, muitíssimo pitoresca, é totalmente literal; outros, que é completamente simbólica (ou mesmo, literal e simbólica, ao mesmo tempo). Para o autor, quando o assunto em questão diz respeito ao futuro, então cada um tem a sua própria interpretação (os que se detém a opiniões pré-formadas, não averiguadas, podem desconsiderar o que o texto realmente diz, por exemplo) ou, se abstém de se posicionar: “João Calvino escreveu um extenso comentário sobre toda a Bíblia (AT e NT), exceto ‘a Revelação’ ” (STERN, p.857, 2008).

Com relação à interpretação do texto bíblico, comentaristas fazem uso de quatro abordagens principais (futurista; pretérita; histórica ou atual; e

idealista) – podendo também haver a combinação de duas ou mais dessas abordagens ao mesmo tempo, como relatado em Stern (p. 857, 2008).

No entanto, apesar das dificuldades de interpretação que circundam esse livro, acerca de sua própria inspiração e autoridade, Guthrie (p. 985 - 986, 2011) defende a opinião de que ele é mais claro do que a maior parte do Novo Testamento<sup>22</sup>. “Sem dúvida, foi esse elemento que levou, conclusivamente, à sua inclusão no cânon do Novo Testamento (NT). Sua conclusão autoritativa é apropriada para o NT como um todo” (GUTHRIE, p. 986 - 987, 2011).

Interessante também é perceber as particularidades de Apocalipse como uma profecia aos povos<sup>23</sup> – “Embora João nunca afirme ser profeta, ele reporta aquilo que foi dito “é preciso que você profetize de novo acerca de muitos povos, nações, línguas e reis” (10.11). Além disso, 1.9-20 e 10.1-11 podem ser narrativas chamadas proféticas” (ROTZ, p. 44, 2015). Segundo Pentecost (p. 29, 2006), a interpretação das passagens proféticas das Escrituras é um problema de especial interesse para o estudioso da escatologia.

Angus (p. 227, 2003) apresenta a regra áurea para a interpretação de profecias bíblicas: como a profecia não é de ‘particular interpretação’ (cf. 2 Pe 1.20-21), “cada uma das predições da Escritura deve comparar-se com as outras sobre o mesmo assunto, e com a história, tanto profana, quanto sagrada” (ANGUS, p. 227, 2003) – pois uma predição paralela lançará muitas vezes luz sobre a outra, e o cumprimento de certas profecias explicará predições ou partes de predições ainda não cumpridas. “A História e o Novo Testamento fixarão deste modo, muitas vezes, a significação de passagens individuais, que contribuirão também para a explicação de outras, com que estão em relação” (ANGUS, p. 227, 2003).

---

<sup>22</sup> “O livro comunica um ar de autoridade divina. Os muitos problemas que surgem de sua interpretação não devem obscurecer esse fato” (GUTHRIE, p. 986, 2011).

<sup>23</sup> As bem-aventuranças em 1.3 e 22.7 identificam o livro como uma profecia; e também, em 22.9, 10, 18, 19, de acordo com Rotz (p. 44, 2015).

“A palavra grega ‘profeta’ significa o que leva adiante uma mensagem. Representa na Escritura a palavra hebraica *nabbi*, que também significa o orador que fala por outro [...] profetizar significaria também predizer” (ANGUS, p. 218, 2003) – sendo que o profeta não é caracteristicamente aquele que prediz o futuro; ele simplesmente leva adiante, anuncia a Palavra de Deus. Escobar (p. 23, 2016) destaca que o vocábulo *nabbi* é traduzido por ‘profeta’ mais de 300 vezes na Escritura hebraica – e, em se tratando de ser mensageiro de Deus, a ênfase está em ser fiel ao que Deus diz e não se deixar levar pelas pressões circunstanciais (seja as exigências atuais da sociedade, ou o que o cenário de incertezas futuras pressiona ao porta-voz de Deus para que diga) – “o compromisso do mensageiro com a palavra é proporcional à fidelidade do mensageiro a Deus” (ESCOBAR, p. 24, 2016).

Em relação ao livro de Apocalipse, como “o profeta é o porta-voz da Palavra de Deus” (ROTZ, p. 41, 2015), então, o ‘primitivo cristão *Yochanan*’ foi incumbido de transmitir uma mensagem inédita da parte de Deus – e essa é a especialidade do livro (em relação à mensagem, em si). Conforme Melo (p. 09, 2021), o objetivo da revelação divina apresentada a *João* é fazer conhecida essa tão extraordinária ‘Escritura profética’ (alusiva ao fim dos tempos) às sete igrejas da Ásia e a todos os santos em todo o mundo e em todo o tempo – “o conhecimento escatológico deve ser entendido como uma dádiva de Deus para os seus servos” (MELO, p. 09 - 10, 2021).

O termo ‘profeta’ utilizado pelo autor do livro de Revelação põe o respectivo livro em paridade com o *Tanakh* – sendo os dois inspirados por Deus, conforme Stern (p. 860, 2008), há a seguinte relação entre eles:

“Embora o *Tanakh* e o Novo Testamento ensinem que Deus é invisível (Êx 33.20; Yn 1.18; 1Tm 1.17), ambos registram que pessoas viram Deus. As visões de *Yochanan* assemelham-se muito a várias encontradas no *Tanakh*. A cena de Êxodo 24.9-11, em que Moisés, os dois filhos de *Aharon* e setenta autoridades de Israel “viram o Deus de Israel, cujos pés havia algo semelhante a um pavimento de safira, como o céu em seu esplendor”, é muito semelhante ao mar de vidro, claro como cristal (Apc 4.6a; 15.2). O *k’ruvim* que Ezequiel viu é muito semelhante aos seres vivos dos

versículos 6b-8a (Ezequiel 1.5-11; 10.12, 14-15); ele também viu um homem no trono cujos arredores são semelhantes aos que *Yochanan* descreve nos versículos 2-6a (Ezequiel 1.22, 26-28; 10.1). O profeta Miquéias disse: “Vi o Adonai assentado em seu trono, com todo o exército dos céus ao seu redor, à sua direita e à sua esquerda (1Reis 22.19; 2Cr 18.18). Isaías escreveu: “eu vi o Senhor assentado num trono alto e exaltado” (Isaías 6.1). Ele também viu seres alados (*s’rafim*) que adoravam a Deus em linguagem semelhante à do v. 8b, proclamando uns para os outros: “Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos” (Isaías 6.2-3)” (STERN, p.877 - 878, 2008).

A essência do *nabbi* se mantém nos profetas do Antigo Testamento (cf. Is 6.9; Jr 1.7; Ez 2.3,4), de acordo com Escobar (p. 26, 2016): o vocábulo *nabbi* se complementa com a raiz *nabha*, que significa ‘borbulhar ou fluir’; portanto, profetizar traz também o sentido de falar sob o impulso de uma fonte interior que borbulha, salta – é assim que o profeta Jeremias se refere ao povo que, abandonando a fidelidade à mensagem profética, acaba se apartando da verdadeira fonte, decidindo buscar sustento para si mesmo em ‘cisternas quebradas e impotentes’ (‘a água que querem acumular não pode ser retida’, conforme Jeremias 2.13) para lhe garantir um futuro de provisão, “pelo que vem a seca, a pobreza e a escravidão” (ESCOBAR, p. 27, 2016).

Escobar (p. 27, 2016) também faz referência a dois termos para profeta, traduzidos como ‘vidente’ (a raiz de ambas destaca o sentido de ‘ver’): um é *ro’eh* e o outro é *hozeh* – a palavra hebraica *ro’eh* aparece em 12 ocasiões, e *hozeh* é utilizada 18 vezes (ambas são muito menos utilizadas do que o termo principal *nabbi*) – a idéia principal consiste na capacidade que se outorga ao profeta de poder visualizar a vontade de Deus; o que pressupõe um enfoque revelacional na capacidade de o profeta escutar a voz de Deus.

O autor deduz que *ro’eh* e *hozeh* fazem referência à recepção da mensagem, e o termo *nabbi* refere-se à comunicação da mensagem – trata-se da mesma função profética baseada na importância da fidelidade tanto na recepção quanto na transmissão da mensagem.

“As visões eram um meio de comunicação divina, indispensável para dar a conhecer os planos de Deus ao seu povo” (ESCOBAR, p. 50, 2016); a partir de uma visão, se obtém “a capacidade de antecipar o futuro, porém não numa perspectiva passiva, o que nos daria a entender que visionar é adivinhar, já que isso não nos levaria à dimensão de construtores do futuro ou geradores de história” (ESCOBAR, p. 47, 2016) – a visão possibilita que se desfrute de uma dimensão criativa do futuro,<sup>24</sup> no que estiver ao alcance. E, de maneira prática, há a possibilidade de preparação para o enfrentamento do futuro quanto à tomada de decisões – “A visão permite estabelecer uma direção que provoca o contrário da improvisação” (ESCOBAR, p. 85, 2016)<sup>25</sup>.

“Era muito difícil discernir o profeta falso do profeta verdadeiro. Por isso, no Antigo Testamento encontram-se vários testes para determinar a autenticidade do profeta. O profeta verdadeiro deveria ser leal à fé bíblica, orientando as pessoas a adorar apenas a *Javé* (Dt 13.1-3). O segundo teste exigia que as palavras do profeta verdadeiro fossem cumpridas (Dt 18.22; Jr 42.1-6; Ez 33.30-33). Esse era um teste de aplicação difícil. Com frequência havia longos lapsos entre a predição e o cumprimento (Mq 3.12; Jr 26.16-19). Algumas predições pareciam improváveis, e outras eram condicionais – baseavam-se na resposta dos ouvintes (Jn 3.4-5). Alguém também poderia prever algo corretamente mesmo sem ser leal a *Javé* (Dt 13.1-3). A predição correta não era o teste final. Outros testes incluíam concordância com a mensagem dos profetas anteriores (Jr 28.8), bom caráter (Mq 3.11) e a disposição para sofrer por conta da fidelidade (1 Rs 22.27, 28; Jr 38.3-13). De modo semelhante, os cristãos do Novo Testamento tinham que identificar a profecia verdadeira (1Jo 4.1; 1Co 14.29)” (BRAND et al., p. 1367 - 1368, 2018).

---

<sup>24</sup> “Em O Efeito Isaías, Gregg Braden combina pesquisas no campo da física quântica com as palavras do profeta Isaías e dos antigos essênios. Ele demonstra que as profecias que se referem a uma catástrofe global e a sofrimentos podem representar apenas possibilidades futuras, e não previsões de um fim iminente, e afirma que temos o poder de alterar essas possibilidades” (BRADEN, p. 08, 2002) – de acordo com o autor, haveria então uma “relação entre as ações dos indivíduos e o resultado das profecias” (BRADEN, p. 82, 2002) através da oração contrita e da mudança de atitude dos personagens históricos.

<sup>25</sup> “Saber o que fazer é uma necessidade própria da natureza humana [...] a história nos faz lembrar, de diversas formas, como tomarmos decisões diante de certos acontecimentos em razão da capacidade de ‘prever’ o futuro” (ESCOBAR, p.37, 2016). “Analisando certas práticas ao redor da adivinhação, podemos determinar que era e é o oposto da visão profética [...] que é uma verdadeira submissão à soberania de Deus” (ESCOBAR, p. 40, 2016).

No tocante a “o que os profetas vêem”, Escobar (p. 51, 2016) cita que nem sempre eles enxergam algo diferente do que qualquer ser humano percebe (exemplo: um ramo de amendoeira, uma panela de fogo, um cesto de figos...), no entanto, esse dado visual para o profeta deve supor uma percepção mais profunda da realidade; ou seja, Deus põe diante do profeta uma realidade que não pode ser percebida diante dos olhos ordinários. “Em muitas ocasiões, os objetos assumem dimensões simbólicas, irreais, como no caso dos quatro chifres (cf. Zc 1.18), o castiçal e as oliveiras (cf. Zc 4.1-6) ou o rolo de dez por cinco metros que voava (cf. Zc 5.1-4)” (ESCOBAR, p. 52, 2016).

Em sua breve análise deontológica sobre o ministério profético<sup>26</sup>, Escobar (2016) ainda destaca os seguintes aspectos: i) “a fé se relaciona com [...] a capacidade para visualizar as promessas de Deus” (ESCOBAR, p. 62, 2016) – para que se produza a fé, a Palavra deve ser aceita, implementada, e arraigada (cf. Tg 1.19-23; Mc 4.20; Is 55.10-11), a lançar raízes de acordo com Escobar (p. 62 - 63, 2016); “do contrário, não provocará a ação que levará o receptor à obediência sem reservas, ou também, a uma vida de fé baseada na esperança que provoca a visão de futuro que a promessa de Deus oferece” (ESCOBAR, p. 63, 2016); ii) “os ouvintes devem receber a Palavra com mansidão (em grego *praytes*)” (ESCOBAR, p. 64, 2016); pois, conforme o autor, a mansidão reflete uma ‘atitude ensinável’ e, por isso, humilde em relação à análise (que deve ser efetivada) (cf. At 17.11; Prv 29.18); iii) “uma visão profética se sustenta por si mesma, pois é Deus quem se encarrega de velar pelo seu cumprimento” ESCOBAR (p. 73, 2016) – na visão do profeta Jeremias, Deus lhe mostra uma vara de amendoeira, que é a primeira árvore a mostrar sua flor mesmo sendo ainda inverno – em hebraico, a palavra amendoeira é *saqé*, da mesma raiz do verbo velar, conforme Escobar (p. 70-71, 2016); iv) “a visão profética permite traçar uma rota” (ESCOBAR, p. 85, 2016) (cf. Jó 22.28; 2 Pe

---

<sup>26</sup> Escobar (p. 09, 2016) ensina sobre a importância de ser sensível à voz divina, exortando a igreja do século XXI sobre “a urgente necessidade de ordenar a visão profética como parte da vida cristã” (ESCOBAR, p. 18, 2016).

1.19-21) – ou atingir metas; v) o mais complexo não é o fato de Deus falar e nos permitir ver um futuro de esperança, de acordo com Escobar (p. 70, 2016), o mais desafiante é o lapso de tempo de espera entre a declaração da visão e o seu cumprimento (quando o que se crê demora) – “saber esperar o tempo do cumprimento é uma virtude que deve estar bem ancorada naqueles que, com esperança, aguardam o prometido” (ESCOBAR, p. 70, 2016); vi) “definitivamente, somos chamados a olhar bem o que ouvimos (Mc 4.24) para não perdemos de vista o foco [...] (2 Co 4.18)” (ESCOBAR, p.86, 2016). “Uma comunidade que perdeu o foco como consequência de ter perdido a visão profética foi Laodicéia [...] (Cl 2.21; Apoc 4.16)” (ESCOBAR, p.86, 2016) – o *Anjo do Senhor*, dirigindo-se à rica e privilegiada Igreja, indica que use colírio para os olhos para que veja (ela havia perdido a visão) a verdadeira condição em que estava: ‘desgraçada, e miserável, e pobre, e cego, e nu’, como apresentado em Escobar (p. 87, 2016).

Devido à comum suposição de que o livro da Revelação seria “apenas mais um exemplo de texto apocalíptico judaico” (STERN, p. 858, 2008), o autor aponta para as diferenças existentes: i) a maioria dos textos judaicos apocalípticos era escrito com pseudônimos (nomes de heróis mortos há muito tempo), de acordo com Stern (p. 858, 2008) – já “o autor de Revelação usa o próprio nome, refletindo que Deus, na época do NT, restaurara o dom de profecia (Atos 11.27), e *Yochanan* era o profeta (v.3)” (STERN, p. 858, 2008); ii) os textos apocalípticos judaicos eram pseudoproféticos (o autor escrevia a partir de um ponto de vista do passado e ‘predizia’ a história que já tinha acontecido), como abordado em Stern (p. 858, 2008) – “no entanto, *Yochanan* permanece em seu próprio tempo e olha adiante, para a consumação futura do propósito redentor de Deus” (STERN, p. 858, 2008); iii) “as revelações judaicas são totalmente pessimistas em relação ao passado e ao presente” (STERN, p. 858, 2008) – porém, quanto ao livro da Revelação, Stern (p. 858, 2008) aponta que

o seu autor contempla o passado de *Yeshua* como o fundamento para a esperança presente.

Dentre os traços, apresentados por Alexandre Júnior (p. 646, 2021), que distinguem o Apocalipse da literatura apocalíptica (comum), destaca-se uma “singular e clara referência ao período conhecido como milênio” (ALEXANDRE JÚNIOR, p.646, 2021) – o capítulo 20 do livro é todo dedicado à temática (independentemente das interpretações a que se tem prestado), como abordado pelo autor.

Sobre o Apocalipse, Lopes (2005) ratifica – “é um livro de profecia: este livro é uma profecia (1:3; 22:7, 10, 18-19) que assegura a vitória de Cristo e da igreja sobre todos os seus adversários” (LOPES, p. 14, 2005).

“Apocalipse foi escrito para preparar os cristãos<sup>27</sup> ante a última intervenção de Deus nos assuntos humanos” (MELO, p. 26, 2021) – a mensagem profética<sup>28</sup> de sua escrita é muito forte; e, no sentido de ser um alerta ‘aos povos’ acerca do porvir, clara.

266

### **O credo popular (pentecostal) e a ‘doutrina das últimas coisas’:**

A continuação de uma série de movimentos de renovação dentro do cristianismo<sup>29</sup> (desde os primórdios da igreja, no primeiro século) é denominada pentecostalismo<sup>30</sup>, conforme Kay (p. 20, 2011), em referência ao relato do livro de Atos dos Apóstolos - capítulo 2 (Novo Testamento), acerca de experiências

---

<sup>27</sup> “A história registra que, na passagem do ano 999 para 1.000, a maior parte da Europa não conseguiu comemorar a data, pois esperava o ‘Apocalipse’. Segundo o historiador Frederick H. Martins, um sentimento de terror dominou a multidão amontoadá na imensa Basílica de São Pedro, em Roma, na noite de 31 de dezembro de 999. Inclusive o Papa Silvestre II parecia aterrado. Isso aconteceu porque o povo não tinha acesso à Bíblia” (VILLAS BOAS, p. 18, 20-?).

<sup>28</sup> “Não esqueçamos, pois, que a profecia é a essência da Bíblia. Se descrermos, não poderemos crer nesta.” (VILLAS BOAS, p. 19, 20-?).

<sup>29</sup> “A história da igreja é um assunto de enorme relevância para o cristão que deseja conhecer sua herança espiritual para imitar os bons exemplos do passado e evitar os erros que a Igreja tem cometido com frequência [...] podemos conhecer melhor o presente se conhecemos as suas raízes no passado” (CAIRNS, p.17 e 19, 2008).

<sup>30</sup> “O movimento pentecostal tem sido – naturalmente, deve-se admitir – geralmente interpretado principalmente em termos de seu aspecto mais característico, a glossolalia, ou ‘falar em línguas’” (DAYTON, p. 15, 2011). “Os pentecostais são cristãos que acreditam na atualidade carismática do Espírito” (NASCIMENTO, p. 83, 2022).

de caráter espiritual vivenciadas por seguidores de Jesus, a partir do primeiro ‘dia de Pentecostes’ na era cristã – a promessa do derramamento do Espírito Santo sobre a igreja<sup>31</sup>.

“Caracterizando similaridades com o movimento primitivo da Igreja Cristã do primeiro século, os pentecostais se autoclassificam como um movimento restauracionista do padrão bíblico neotestamentário<sup>32</sup>. Não só como estilo de vida e forma de conduta, mas também como professantes e estimuladores de todos os crentes a vivenciarem a experiência no Espírito que os apóstolos tiveram no dia de Pentecostes” (NASCIMENTO, p. 101, 2022).

Em sua forma moderna, oriundo de múltiplos pontos focais<sup>33</sup>, o pentecostalismo é geralmente datado do início do século 20 – reavivamentos aparentemente espontâneos e desconexos surgiram em diferentes continentes: nos EUA (Rua Azusa, Los Angeles) houve um grande avivamento; mas também, na Europa, conforme Kay (p. 20, 2011). O caráter global do derramamento do Espírito, com um estilo revivalista, só cresceu com o passar dos anos.

267

“O que é extraordinário sobre o pentecostalismo em sua existência atual é que ele circundou o globo. Em grande parte invisível para comentaristas acadêmicos e historiadores, conseguiu sobreviver às guerras e tragédias do século 20 e lidar com todas as mudanças trazidas pelos confrontos entre capitalismo e comunismo ou entre fascismo e democracia. Durante um século em que a Europa Ocidental se tornou menos religiosa, o pentecostalismo e suas ramificações neopentecostais se espalharam pelo mundo seguindo muitos dos caminhos tomados pelo metodismo ou por missionários

<sup>31</sup> “Após a propagação da mensagem cessacionista (por Santo Agostinho) [...] o movimento decorrente da experiência do dia de Pentecostes foi marginalizado na história por um longo período” (NASCIMENTO, p. 86, 2022). Assim, a autenticidade histórica do movimento pentecostal tem sido “bombardeada por diversas acusações da ala reformada do protestantismo [...] chamados de anti-pentecostais” (NASCIMENTO, p. 83, 2022): questiona-se sua veracidade, zomba-se da sua liturgia, caçoa-se da sua cultura, os acusam de sensacionalismo, conforme Nascimento (p. 83, 2022). De fato, “até recentemente [...] o pentecostalismo era visto como um movimento de analfabetos, ‘caipiras’, ‘hipnotizadores de cobras’, ‘santarrões’ [...] que estavam à margem da cultura, mas que permaneceriam lá, sem deixar literatura de grande importância. Isso mudou.” (DAYTON, p. 10, 2011).

<sup>32</sup> “Os pentecostais [...] argumentam a partir da imutabilidade de Deus que a natureza da igreja apostólica a este respeito é normativa para todos os tempos. Ao alegar restaurar os elementos sobrenaturais da era apostólica, o movimento afirmou ser, na verdade, a ‘Fé Apostólica’” (DAYTON, p. 25 – 26, 2011).

<sup>33</sup> “Nos últimos anos diversos estudos têm sido feitos no âmbito da história, sociologia, antropologia, teologia e ciências da religião no intuito de compreender as origens e as principais características do pentecostalismo. [...] O caráter dinâmico faz do pentecostalismo um movimento singular e ao mesmo tempo multifacetado” (LOURENÇO, 2022).

protestantes posteriores. Quando as nações da África se tornaram independentes de seus senhores coloniais depois de 1945, o cristianismo permaneceu, muitas vezes na forma pentecostal. Enquanto a Europa estava envolvida em guerras quentes e frias de meados do século, os pentecostais estavam começando a se estabelecer na América Latina e na Ásia. No início do século 21, igrejas pentecostais foram encontradas em toda a América Latina em um desafio ao domínio do catolicismo romano. Mesmo na China, que havia resistido amplamente à missão cristã, haviam igrejas pentecostais e carismáticas que emergiram piscando de uma existência subterrânea quando os embargos do comunismo totalitário começaram a ser levantados na era pós-Mao” (KAY, p. 20, 2011).

Conforme Souza e Santos (p. 31, 2018), no alvorecer do século 20 o despertar pentecostal varria os países escandinavos: por volta de 1907 o pentecostalismo foi aceito por alguns crentes metodistas e batistas de Estocolmo (Suécia); em 1910 organizou-se a *Sétima Igreja Batista de Estocolmo* (pentecostal); e em 1911 o Pastor Lewi Pethrus assumiu a gestão da instituição (um dos maiores expoentes do despertar pentecostal entre as igrejas batistas da Suécia). Em 1913, a *União Batista Sueca* acabou por excluir a *Sétima Igreja Batista de Estocolmo* de sua associação (por divergências quanto à doutrina) – foi o marco inicial do movimento pentecostal na Suécia – a partir de então, a *Sétima Igreja Batista de Estocolmo* passou a ser conhecida como *Igreja Filadélfia de Estocolmo*.

“Com o passar dos anos, *Filadélfia* viria a ser a maior igreja pentecostal do mundo, sendo que Pethrus iria se tornar o líder do movimento pentecostal, não apenas na Suécia, mas no mundo. [...] O trabalho de maior relevância de Lewi Pethrus deu-se com a fundação da *Svenska Fria Missionen* (Livre Missão Sueca), um dos mais profícuos trabalhos missionários do mundo pentecostal” (SOUZA & SANTOS, p. 34 - 35, 2018).

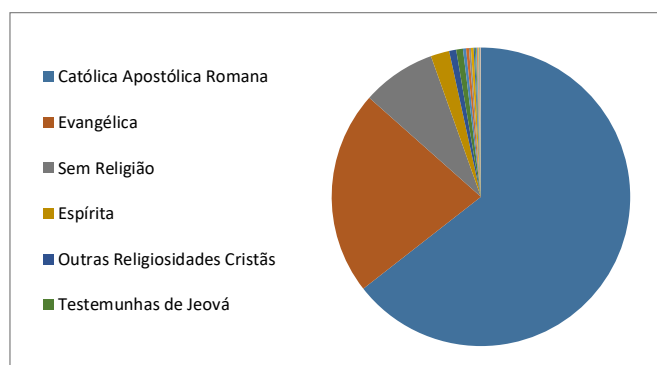
Daniel Berg (1884-1963) e Gunnar Vingren (1879-1933) – os primeiros missionários pentecostais a chegarem ao Brasil (Pará) – apesar de suecos, viajaram ao Brasil por iniciativa própria (não tendo sido enviados por nenhuma igreja ou agência missionária), segundo Souza e Santos (p. 35, 2018); vindos diretamente dos Estados Unidos, depois de passarem um período morando

naquele país (os dois se filiaram à *Igreja Filadélfia* e à *Livre Missão Sueca* apenas posteriormente) – a partir do Pará, a mensagem pentecostal se irradiou pelo Brasil, propagando-se (mesmo sem um plano estratégico previamente definido).

Também, anteriormente, outras denominações já haviam iniciado trabalhos missionários em terras brasileiras (metodistas, congregacionais, batistas e presbiterianos), como destacado em Souza e Santos (p. 39 – 40, 2018).

Conforme o IBGE (BRASIL, 2022a) a população evangélica no Brasil passou de 15,4% em 2000, para 22,2% em 2010 (FIGURA 01).

FIGURA 1: Principais Religiões no Brasil.

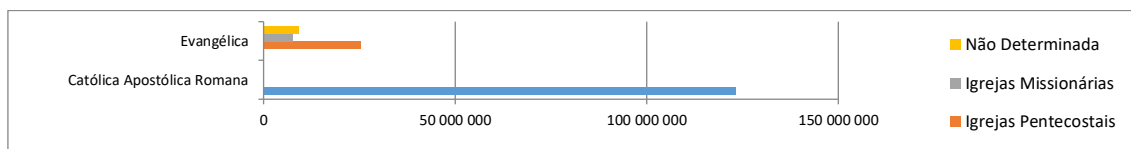


FONTE: Censo – Amostra Religião (BRASIL, 2022b).

Dos que se declararam evangélicos, em torno de 18% são de igrejas consideradas missionárias (Batista, Adventista, Luterana, Presbiteriana, Metodista, Congregacional, e outras); e pouco mais que 60,0% são de origem Pentecostal<sup>34</sup>. Por volta de 21% dos que se afirmam evangélicos “não pertencem ou não se identificam” com nenhum segmento institucional religioso (nesse caso, considerou-se “não determinado”) (FIGURAS 02 e 03) (BRASIL, 2022a; BRASIL, 2022b).

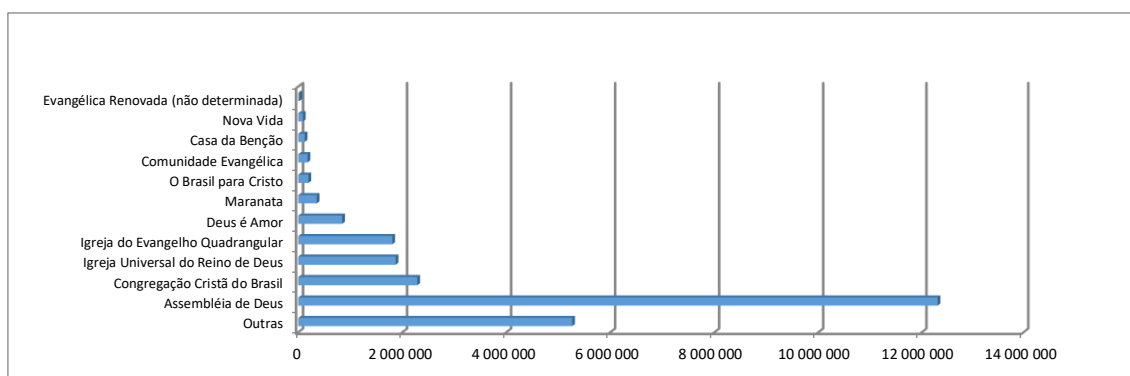
<sup>34</sup> “O pentecostalismo compõe a maior porcentagem da ‘outra ala’ protestante” (NASCIMENTO, p. 83, 2022) – em contraposição à ‘ala reformada’ do protestantismo, como citado pelo autor. “O crescimento pentecostal no Brasil acelerou-se tremendamente nas décadas de 1960, 1970 e 1980 [...] será bom notar esse rápido crescimento após a Segunda Guerra Mundial” (CAIRNS, p. 557, 2008). “O movimento pentecostal eclodiu” (NASCIMENTO, p. 83, 2022).

FIGURA 2: Segmento Evangélico Nacional.



FONTE: *Censo – Amostra Religião (BRASIL, 2022b)*.

FIGURA 3: Igrejas Evangélicas Pentecostais – Ramificações.



FONTE: *Censo – Amostra Religião (BRASIL, 2022b)*.

Como, na parcela evangélica da população brasileira, a maioria pertence ao segmento cristão pentecostal (FIGURA 2) – mais especificamente, à denominação Assembléia de Deus<sup>35</sup>, ramificação mais popular<sup>36</sup> (FIGURA 3) –

<sup>35</sup> A organização das crenças e práticas das *Assembléias de Deus no Brasil* descritas no documento eclesiástico ‘Declaração de Fé’ identifica a Igreja como denominação pentecostal (CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL, 2016).

<sup>36</sup> Cairns (p. 557, 2008) aponta para a denominação *Assembléia de Deus* como a maior denominação pentecostal brasileira já desde o ano de 1960 – em um contínuo crescimento, e na vanguarda em relação às demais denominações pentecostais. Por análise particular para o ano de 1980, o autor destaca que, de um total de mais de sete milhões de evangélicos, “denominações pentecostais sozinhas representavam 4.621.000, ou 66% do total” (CAIRNS, p. 557, 2008).

ocorre que a crença bíblica defendida (de caráter pentecostal) pela denominação em foco é, também, nacionalmente, a mais popularizada<sup>37</sup>.

A popularização do ensino bíblico pode favorecer o surgimento de desvios doutrinários<sup>38</sup> (mesmo que leves, inicialmente) – uma legítima preocupação<sup>39</sup> em Villas Boas (p. 27, 20-?) – tendo em vista o amplo alcance da informação e da comunicação, por exemplo.

Sendo a do maior público evangélico nacional (pentecostal, da ramificação denominacional *Assembléia de Deus*) (BRASIL, 2022a; BRASIL, 2022b), democraticamente, especialmente e mais diretamente, a perspectiva doutrinária escatológica afirmada pela Instituição *Assembléia de Deus no Brasil* destaca-se, como base, portanto à análise.

A *Assembléia de Deus no Brasil* possui uma abrangente *Declaração de Fé*<sup>40</sup> – sumário das doutrinas bíblicas basilares defendidas, para ser professado e ensinado – de grande valor, por estar em íntima e inseparável comunhão com as Escrituras Sagradas, a partir de análise, apreciação e rebuscamento das mesmas; bem como, de outros credos análogos, feita pela liderança da *Assembléia de Deus no Brasil*, em consonância com uma comissão especial de teólogos competentes indicados (composta por teólogos e ensinadores, com conhecimento não somente das Escrituras, mas também da história da Igreja); após um intensivo trabalho de oração, e muitas pesquisas (CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL, p. 08 - 12, 2016).

---

<sup>37</sup> Tal circunstância aponta, por exemplo, para a grande responsabilidade dos líderes e mestres dessa denominação, quanto à exposição da sua doutrina, a fim de que seja evitada a ‘sabotagem interna do cristianismo’ e a ‘apostasia’ (HITCHCOCK & KINLEY, 2019).

<sup>38</sup> “Devemos partir do princípio de que na tarefa [...] da pregação na área escatológica, o homem está envolvido e [...] há a constante manifestação de heresias, fraquezas e tendências carnis” (VILLAS BOAS, p. 44, 20-?).

<sup>39</sup> “Precisamos ter a responsabilidade de educar os menos favorecidos e orientá-los a fim de que cheguem ao lugar onde possam ser enriquecidos com mais conhecimento bíblico-teológico” (VILLAS BOAS, p. 34, 20-?).

<sup>40</sup> Publicação que é o credo da denominação *Assembléia de Deus*: “Credo, confissão de fé, regra de fé ou declaração de fé são interpretações autorizadas das Escrituras Sagradas aceitas e reconhecidas por uma igreja ou denominação. Todas as igrejas ou denominações no mundo possuem algum tipo de conjunto de crenças, seja ele escrito ou não, não importando o nome dado aos ensinamentos que norteiam a vida da instituição cristã” (CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL, p. 10, 2016).

“A Bíblia é a Palavra de Deus e a única autoridade inerrante para a nossa vida. Não é um credo, mas, sim, sua fonte primária [...] a Bíblia precisa ser interpretada e compreendida para uma adoração consciente a Deus” [...] Os credos considerados universais são conhecidos como “credos ecumênicos”, visto que a sua aceitação é ampla e não se restringe a uma ou outra região. Os principais são o Credo dos Apóstolos, século II; o Credo Niceno (325 d.C.); o Credo Niceno-Constantinopolitano (381 d.C.); o Credo de Calcedônia (451 d.C.); e o Credo de Atanásio (cerca do ano 500). Seu conteúdo consta aqui neste Apêndice, demonstrando que temos muitos pontos em comum com os primeiros cristãos. Esses credos são geralmente aceitos por católicos romanos, ortodoxos gregos e protestantes, pois seu conteúdo é comum às principais religiões que ostentam a bandeira de Cristo. As seitas ou grupos religiosos heterodoxos rejeitam esses credos. (CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL, p. 10 - 12, 2016).

O rigor da observação doutrinária estabelecida pela vivacidade da Palavra de Deus é assegurado pela *Declaração de Fé* (de forma harmônica, sintética e sistemática), daí a sua instrumentalidade quanto à conscientização de toda a *Igreja Assembléia de Deus no Brasil* – o conhecimento bíblico é facilitado, as mentes conservadas contra as muitas heresias, havendo também a contribuição na preparação da fé de novos membros da Igreja (CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL, p. 08 - 12, 2016).

A parte da teologia que estuda os eventos finais da humanidade é a escatologia, o “estudo dos eventos que estão para acontecer, segundo as Escrituras [...] parte do eterno plano divino através dos séculos [...] é chamada bíblica porque ela pode ser extrabíblica” (GILBERTO, p. vii, 2022) – as escolas teológicas do período patrístico (como Antioquia e Alexandria), já tinham esboços sobre os assuntos da escatologia bíblica; no entanto, o seu lugar de aceitação teológica, propriamente dito, só ocorreu em meados do séc. XVI (período da Reforma Protestante) – sendo que, a terminologia hoje empregada é do séc. XIX, como citado em Melo (p. 19, 2021).

A linha de pensamento da escatologia *pré-milenista* é a defendida pelos que professam a fé pentecostal – diferindo dos chamados da ‘fé reformada’, de acordo com Melo (p. 34, 2021); no entanto “os alicerces da ‘Reforma

Protestante’ foram lançados no retorno ao ‘método literal’ de interpretação bíblica” (PENTECOST, p. 55, 2006) – o que é bastante intrigante; pois os da ‘fé reformada’ ainda persistiram em conservar aspectos de interpretação bíblica referentes ao ‘método alegórico’<sup>41</sup>. “Somente nos séculos XIX e XX é que movimentos que restauraram a idéia da verdade literal da profecia bíblica começaram a tomar forma e a se firmar<sup>42</sup>” (SILVA, p.28, 2014):

“A história da teologia cristã, como a de muitas outras, frequentemente se movimenta como um pêndulo. Certo pensamento corre seu percurso, chega a um ponto de máxima aceitação e influência e então é substituído por um que se movimenta numa direção oposta, frequentemente em estreita semelhança a um conceito anterior já suplantado. No entanto, raras vezes ocorre um rompimento total de seu antecessor. Isso acontece porque dificilmente se pode evitar a influência do que se passou antes; elementos do antigo são incorporados no novo” (ERICKSON, p. 34, 2010).

Numa perspectiva ampla, Erickson (p. 27, 2010) aponta que todo o *Novo Testamento* é escatológico – portanto, a hermenêutica não-escatológica e a interpretação ética de Jesus devem ser substituídas por uma hermenêutica completamente escatológica – pois, somente quando a imagem de Jesus é projetada, sua vida e ensinos passam a ter sentido (ao enfatizar, por exemplo, a temática acerca do Reino de Deus, os ensinos de Jesus também passam a incluir acontecimentos vindouros – o seu retorno, ou *parousia*). “O conceito não-escatológico de Jesus falhou em desvendar o ‘mistério’ de Jesus (Cf. Ef 3.1-7)” (ERICKSON, p. 27, 2010).

A literatura escatológica é rica, envolvendo os judeus, a Igreja, e o mundo gentílico – e abrange todo o desfecho das Escrituras (o fim do mundo é um evento futuro, profetizado no texto sagrado), segundo Melo (p. 32, 2021).

---

<sup>41</sup> “Foi a ascensão do eclesiasticismo, com o reconhecimento da autoridade da igreja sobre todas as questões doutrinárias, que deu o grande ímpeto para a adoção do método alegórico. [...] Agostinho foi o primeiro a fazer com que as Escrituras se conformassem à interpretação da igreja” (PENTECOST, p. 51, 2006). “Infelizmente, os reformadores recorreram a Agostinho e sua escatologia em vez de aos primeiros pais do milenarismo” (WALVOORD, p. 187, 2021).

<sup>42</sup> “Um exemplo disso é o pentecostalismo e seu número se seguidores sempre crescente” (SILVA, p. 28, 2014).

Conforme a revelação da ‘doutrina das últimas coisas’ sabe-se que o mundo irá de mal a pior – Villas Boas (p. 18, 20-?) destaca que não se deve “desesperar”, e que há uma advertência do Senhor Jesus acerca do assunto: “Homens *desmaiarão de terror*, na expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo [...] e quando estas coisas começarem a acontecer, *fiquem firmes e levantem a cabeça*, pois a vossa redenção está próxima” (Cf. Lc 21.26, 28 ARC).

Gilberto (p. viii, 2022) cita que existem muitas dúvidas em relação à escatologia, pelo fato de muitas pessoas não saberem distinguir os eventos bíblicos que ocorrerão no fim da presente era bíblica, e, interpretarem erroneamente o texto bíblico.

Para Silva (p. 136, 2014), de certa forma, a escatologia é especulativa (ou seja, alguns comentários são de cunho teórico), pois o tema é polêmico e enigmático – especulações estarão sempre presentes – esgotar toda a temática registrada nas Escrituras (que é profética), e que ainda não se cumpriu, não seria possível. “Não é de estranhar que o comentário de alguns temas gera divergências entre os expositores da doutrina das últimas coisas” (SILVA, p. 250, 2014).

Uma distinção cuidadosa deve ser observada, acerca da escatologia bíblica, entre ‘o que é certo e biblicamente revelado’, e, o que ‘ainda permanece obscuro’; bem como, é necessário distinguir os assuntos mais importantes dos de menor monta, como destacado em Pentecost (p. 07, 2006) – também, devido às inúmeras divergências quanto às doutrinas escatológicas, o autor cita que muitos teólogos se contentam com a apresentação apenas de alguns poucos acontecimentos da escatologia.

Em relação à ‘doutrina das últimas coisas’, conforme os capítulos XXII a XXIV da *Declaração de Fé* (CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL, 2016), a abordagem teológica das *Assembléias de Deus no Brasil* é de acordo com a ortodoxia cristã, de interpretação predominantemente futurista, em perspectiva dispensacionalista clássica; a

partir da vertente teológica *pré-milenista*, acreditando que os fiéis ao Senhor Jesus Cristo serão retirados imediatamente antes de um período comumente denominado *grande tribulação* <sup>43</sup> (ou, *dia do Senhor* <sup>44</sup> – de grande sofrimento e angústia, nunca antes imaginados pela humanidade)<sup>45</sup>; logo, *pré-tribulacionista*.

“A linha de raciocínio teológica da escatologia pentecostal está alinhada com o pensamento pré-milenista de autores dos primeiros séculos da história do cristianismo, como Papias (60-130), Irineu de Lião (115-203), Justino Mártir (100-165), Tertuliano (160-220), entre outros ‘Pais da Igreja’ [...] A esperança da volta de Cristo para o estabelecimento do seu reino deu aos cristãos do primeiro século força suficiente para resistirem às perseguições, principalmente nos dias dos terríveis imperadores que trucidavam os cristãos em toda a parte onde Roma dominava” (MELO, p. 34, 2021).

“No *pré-milenismo* temos uma perspectiva bastante popular, especialmente nos círculos evangélicos ou conservadores” (ERICKSON, p. 111, 2010); pois é uma concepção, de certa forma, clara, definida, simples e direta – a silhueta de seus aspectos principais é facilmente visualizada, como destacado em Erickson (p. 111, 2010).

Lopes (p. 24, 2005) ratifica que a vertente escatológica dispensacionalista é a mais popular (inclusive, mundialmente<sup>46</sup>); pontuando que, a doutrina “carece de consistência bíblica e teológica em sua abordagem” (LOPES, p. 24, 2005) –

275

<sup>43</sup> “A natureza da ‘tribulação’ tem importância prática” (WALVOORD, p. 21, 2021). “As Escrituras claramente ensinam que, contrastando fortemente com as ‘tribulações gerais’, as quais todos devem esperar, há a perspectiva de um período futuro de ‘singular tribulação’” (WALVOORD, p. 51, 2021).

<sup>44</sup> “O ‘dia do Senhor’, como apresentado no Antigo e no Novo Testamento juntos, inclui os terríveis eventos da ‘grande tribulação’ [...] Há provas de que o ‘dia do Senhor’ começa no mesmo momento que o arrebatamento da Igreja (Cf. 1 Ts 5.1-9)” (WALVOORD, p. 210, 2021); por um desdobramento de eventos posteriores, conforme o autor. “O termo ‘dia do Senhor’ aparece nos seguintes trechos: Isaías 2.12; 13.6,9; Ezequiel 13.5; 30.3; Joel 1.15; 2.1, 11, 31; 3.14; Amós 5.18 (duas vezes), 20; Obadias 15; Sofonias 1.7, 14 (duas vezes); Zacarias 14.1; Malaquias 4.5; Atos 2.20; 1 Tessalonicenses 5.2; 2 Tessalonicenses 2.2; 2 Pedro 3.10. Além desses, as expressões ‘aquele dia’, ‘o dia’, ou ‘o grande dia’ aparecem mais de 75 vezes no Antigo Testamento [...]. Tais trechos revelam que a idéia de julgamento é preponderante” (PENTECOST, p. 254, 2006).

<sup>45</sup> Relativo ao ‘dia do Senhor’, importa compreender temática acerca da ‘ira de Deus’ (orgç), conforme (GUTHRIE, 2011): “a ‘ira’, quando atribuída a Deus [...] deve denotar um reação ativa da ‘santidade’ contra a ‘impiedade’. A fúria não é dirigida contra os homens como tais, como se Deus fosse hostil à sua criação. No entanto, Ele não pode suportar o pecado [...] a ‘ira’ exerce um papel ativo na abordagem de Deus ao homem como ‘justa’ [...] conceitos inseparáveis [...] é impossível imaginar um ‘amor puro’ existindo em um Deus ‘que não se manifeste contra o mal’” (GUTHRIE, p. 474 - 475, 2011).

<sup>46</sup> “Ao longo dos anos o pré-tribulacionismo tem sido duramente atacado por outras correntes escatológicas. Entretanto, surpreendentemente, é a corrente adotada pela grande maioria dos cristãos no mundo desde os ‘Pais da Igreja’. Muito atacada, mas pouquíssimo compreendida” (WALVOORD, capa, 2021).

de fato, é exatamente isso: a doutrina, em seu estado da arte, é bíblica e teologicamente consistente; no entanto, quanto à abordagem dos ensinamentos bíblicos (quaisquer que sejam) – em foco, a escatologia bíblica, quando de sua popularização<sup>47</sup> – pode haver o desenvolvimento de erros doutrinários, a partir de falhas humanas, por exemplo (FERREIRA, 2021).

Considerando-se a proximidade do fim da atual era (ERICKSON, p. 56, 2010; HITCHCOCK & KINLEY, p. 13 - 26, 2019; WALVOORD, p.12, 2021; FERREIRA, 2022), bem como, a problemática profética em torno da temática (PENTECOST, p.73, 2006); destaca-se a importância da acertada (e urgente) ‘expectativa pelo amplo anúncio do Evangelho’ (a ser mundial)<sup>48</sup>. De fato, “os *pré-milenistas* têm revelado mais seriedade escatológica. “A Bíblia realmente coloca grande ênfase na era do porvir, e os *pré-milenistas* certamente não negligenciaram essa ênfase” (ERICKSON, p. 127, 2010); pois, “se o tempo que temos para fazer a obra de Cristo for limitado, e se o fim desse período de oportunidade pode vir a qualquer momento, é imperativo fazer a obra de Cristo tão rápido quanto possível” (ERICKSON, p. 175, 2010).

## O tempo da transladação

De acordo com Walvoord (p. 18, e 55 - 56, 2021) o termo *arrebatamento* ou *transladação* é usado em relação à vinda de Cristo para sua Igreja; enquanto o termo *segunda vinda* é uniformemente usado como referência a Sua vinda a terra para estabelecer Seu *reino milenar*, um evento considerado, *pós-tribulacional*.

---

<sup>47</sup> “Em cada ponto de nosso país se pode ver, precisamente, uma ‘igreja evangélica’, onde, supostamente se prega o evangelho de Jesus Cristo [...] a grande questão não está no quanto se prega, mas no conteúdo da pregação” (VILLAS BOAS, p. 43, 20-?), particularmente, em relação à escatologia bíblica, é “ponto culminante da teologia sistemática [...] que tem sofrido muito nas mãos dos intérpretes” (PENTECOST, p. 07, 2006).

<sup>48</sup> “A ‘doutrina das últimas coisas’ é, sem dúvidas, o meio mais forte na evangelização (*kerusso, martureo e didasko*), pois trata de conscientizar o homem de que Jesus está voltando para buscar o seu povo lavado e remido pelo seu precioso sangue” (VILLAS BOAS, p. 41 - 43, 20-?). E, acerca da urgência quanto à propagação da mensagem: “por estarmos vivendo nos últimos dias, o tempo não é nosso amigo” (HITCHCOCK & KINLEY, p. 108, 2019).

Acerca do tempo (ou eras), há um planejamento divino – “qualquer indivíduo que se refere às Escrituras como *Antigo e Novo Testamento* testemunha o fato de que Deus dividiu Seu plano em segmentos de tempo” (PENTECOST, p. 157, 2006) – e Jesus Cristo é o próprio centro desse plano (PENTECOST, p. 158, 2006)<sup>49</sup>. “Hebreus 1.2 diz que Ele é aquele pelo qual as eras foram ordenadas. Em 1 Tm 1.17 Cristo é relacionado ao plano dos séculos, no qual Ele é chamado ‘Rei dos Séculos’ ” (PENTECOST, p. 158, 2006).

As pessoas que viveram no período no qual Jesus viveu e ensinou estavam familiarizadas com a idéia de uma ‘era vindoura’ (*ólâm habâ*) que veria o estabelecimento do governo do *Messias*<sup>50</sup>, conforme Guthrie (p. 796, 2011). Pentecost (p. 159, 2006) aponta que a rejeição do *Messias*<sup>51</sup> por Israel delimitou o início da ‘presente era’ – que, desde então, durará até que o *Messias* seja recepcionado vindouramente por Israel, no Seu segundo advento.

“Em vista de seu fim, não é de admirar que a ‘presente era’ se chame nas Escrituras de ‘dias maus’ ” (PENTECOST, p. 181, 2006) – uma condição no fim dos séculos que coincide com o estado da *igreja de Laodicéia* (em Apocalipse, igreja nominal, por certo relativa ao final da presente era), à porta da qual Cristo precisa colocar-Se para buscar entrar, conforme o autor:

“Tais condições giram em torno de um sistema de negações. Há a negação de Deus (Lc 17.26; 2Tm 3.4,5); negação de Cristo (1Jo 2.18; 1Jo 4.3; 2Pe 2.6); negação do retorno de Cristo (2Pe 3.3,4); negação da fé (1Tm 4.1,2; Jd 3); negação da sã doutrina (2Tm 3.1-7); negação

<sup>49</sup> “Em Hebreus 9.26 e em 1 Co 10.11 as eras são vistas como centralizadas na obra de Jesus na cruz pelos pecados do mundo” (PENTECOST, p. 158, 2006).

<sup>50</sup> Sobre as pessoas que viveram no período no qual Jesus viveu: “Havia a tendência de se pensar no reino mais como pertencendo a uma era futura” (GUTHRIE, p. 415, 2011). “Embora o judaísmo esperasse um reino escatológico, não havia a concepção de que esse reino invadissem o presente, a não ser para trazer o presente a um fim” (GUTHRIE, p. 417 - 418, 2011). Assim, a afirmação acerca da ‘realidade presente do reino’ em um ‘tempo presente’ “contrasta fortemente a concepção de reino defendida por Jesus e a dos líderes religiosos” (GUTHRIE, p. 419).

<sup>51</sup> Jesus claramente distinguiu o seu ensino do ensino do judaísmo, conforme o autor: “O fato de que Jesus ensinou os homens a esperar um reino no presente, enquanto a situação presente continuaria existindo, introduziu um elemento novo nas expectativas correntes [...] Em alguns sentidos, o surgimento da era messiânica pressupunha uma inovação para o presente. Os profetas do AT tinham preparado isso. A convicção amplamente difundida de que a vinda do Messias estaria associada a sinais pressupunha um estado de considerável atividade no presente depois que o Messias chegasse” (GUTHRIE, p. 417 - 418, 2011). Acerca da interpretação veterotestamentária, como bem enfatizado pelo autor: “há um sentido em que o reino de Deus é tanto presente quanto futuro no AT” (GUTHRIE, p. 415, 2011).

da vida separada (2Tm 3.1-7); negação da liberdade cristã (1Tm 4. 3,4) negação da moral (2Tm 3.1-8, 13; Jd 18); negação da autoridade (2Tm 3.4).” (PENTECOST, p. 181, 2006).

O ponto de transição (do tempo presente para o vindouro)<sup>52</sup> é conhecido como o “*dia do Senhor*”<sup>53</sup>, conforme Guthrie (p. 796, 2011). No entanto, em relação à verdadeira igreja de Cristo, a ‘presente era’<sup>54</sup> termina com a *transladação* da Igreja à presença do Senhor (PENTECOST, p. 159, 2006)<sup>55</sup>. “A doutrina da *transladação* da Igreja é uma das considerações mais importantes da escatologia do Novo Testamento” (PENTECOST, p. 182, 2006).

A partir de sua preocupação pastoral com a jovem igreja em Tessalônica, o apóstolo Paulo escreveu a sua primeira epístola (1 Tessalonicenses), que muito contribuiu para a doutrina do *arrebatamento*; mais do que qualquer outro livro do Novo Testamento (em contraste com a breve introdução sobre o *arrebatamento* em João 14.2-3, por exemplo) – o *arrebatamento* é mencionado de diversas formas em cada capítulo desse livro (1.10; 2.19; 3.13; 4.13-18; 5.1-11, 23); e todas as referências ao *arrebatamento* em 1 Tessalonicenses exortam os crentes daquela igreja a estarem atentos, pois o retorno de Cristo poderia ser a qualquer momento (anterior à *ira vindoura*), conforme Walvoord (p. 237 - 241,

<sup>52</sup> “No consenso filosófico da humanidade, a maior parte da população do mundo vê, com grande otimismo a era que está por vir, presentindo um fantástico progresso material e científico” (VILLAS BOAS, p. 18, 20-?). Por uma perspectiva diferenciada (não bíblica), e conforme literatura secular acadêmica, uma ‘nova era’ já estaria em configuração – particularmente, dada a possibilidade de adoção de tecnologia disruptiva (que também pode ser empregada em conflitos) (FERREIRA 2021; FERREIRA, 2022).

<sup>53</sup> “Uma das maiores linhas proféticas encontradas no Antigo e no Novo Testamento é a verdade profética relacionada ao ‘dia do Senhor’” (PENTECOST, p. 253, 2006).

<sup>54</sup> “A ‘presente era’ começa com a rejeição do Messias por Israel até a recepção vindoura do Messias por Israel no seu segundo advento” (PENTECOST, p. 162, 2006); porém, “em relação à verdadeira igreja, termina com a transladação da igreja à presença do Senhor” [...] (cf. Jo 14.1-3; 2Ts 2.1; 1Ts 4.13-18; 1Co 1.8; 15.51,52; Fp 3.20, 21; 2Co 5.1-9) (PENTECOST, p.182, 2006).

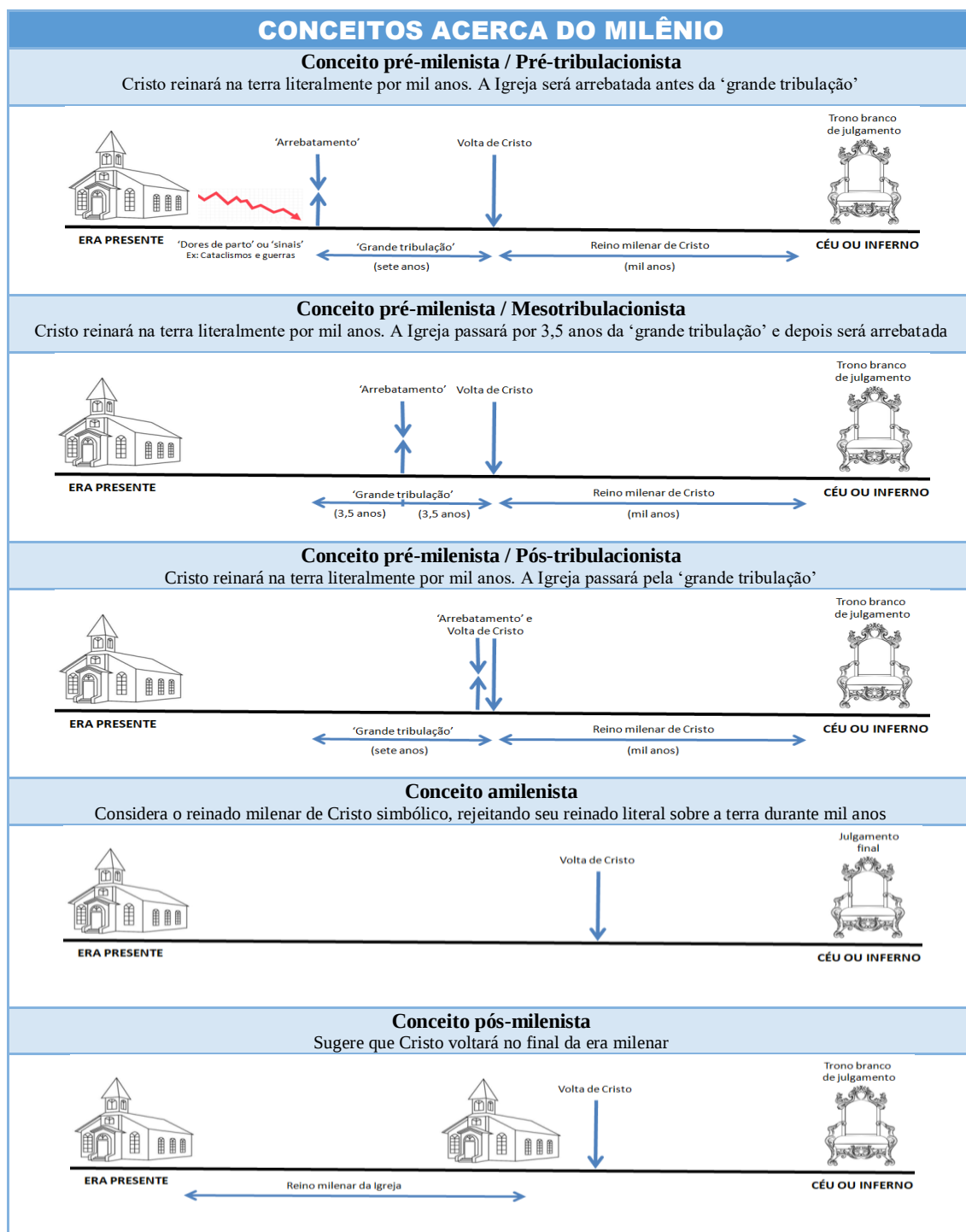
<sup>55</sup> Bem interessante é a abordagem em Walvoord (2021) sobre o fim do ‘dia da graça’ e o início do ‘dia do Senhor’, numa relevante divisão entre períodos – sendo o *arrebatamento* o marco entre “o fim do dia da graça e o começo do dia do Senhor” (WALVOORD, p. 257, 2021); observando que “embora o Espírito Santo atue na grande tribulação, Ele seguirá o padrão do período anterior ao Pentecostes (Cf. Atos dos Apóstolos) em vez do padrão da presente ‘era da graça’ [...] a obra da terceira pessoa da Trindade continuará, mas em um contexto diferente e de maneira distinta” (WALVOORD, p. 96, 2021). Também, Hitchcock & Kinley (2019) pontuam algo bastante relevante: “precisamos lembrar que em Apocalipse 2.5 não é ‘César’ quem viria fechar as portas da igreja; é Jesus Cristo’. Jesus fecharia as portas e desocuparia as instalações. Jesus disse à igreja de Éfeso que ele removeria o candelabro da igreja. Ele iria puxar a tomada e apagar as luzes” (HITCHCOCK & KINLEY, p. 75, 2019).

2021). “Os tessalonicenses eram novos na fé, logo é natural que eles tivessem perguntas sobre a sequência dos eventos escatológicos, e como o *arrebatamento* se encaixaria no esquema geral dessa esperança” (WALVOORD, p. 238, 2021) – devido à expectativa pelo retorno iminente de Cristo, muitos acreditavam que jamais passariam pela separação da morte (a possibilidade de morrerem antes parecia sem sentido).

Também sobre os tessalonicenses, “alguns deles vinham de um ambiente pagão, onde a ressurreição era questionada [...] e tiveram dificuldades de entender quando a ressurreição ocorreria em relação aos crentes ainda vivos” (WALVOORD, p. 239, 2021). Expondo a doutrina, Paulo defende a *bendita esperança* – a sua expectativa sobre o *arrebatamento* da Igreja era tão certa como a historicidade da morte e ressurreição de Jesus – “o *arrebatamento* ocorrerá; e quando Cristo vier, os mortos em Cristo serão ressuscitados e junto aos cristãos vivos, serão todos arrebatados” (WALVOORD, p. 240, 2021) e, se encontrarão com o Senhor nos ares. “O passo final será a ‘trombeta de Deus’, o sinal para os mortos ressuscitarem e os vivos serem transformados. Nas escrituras, a trombeta frequentemente é sinal de um evento importante” (WALVOORD, p. 240, 2021).

Em relação à doutrina da *transladação* da igreja, há discordâncias teológicas: intérpretes da escola *pré-milenista* estão divididos em campos com os *parcialistas* (que levantam a questão de quem participará do *arrebatamento*), e os *pré-tribulacionistas*, *mesotribulacionista*, e *pós-tribulacionista*, que levantam a questão da ocasião do *arrebatamento* em relação ao período tribulacional, conforme Pentecost, (p. 182, 2006) (FIGURA 04).

FIGURA 4: Perspectivas da escatológica bíblica acerca do milênio.



FONTE: Adaptado de Patterson (p. 1798, 2014).

Na perspectiva *pré-milenista* (*pré* e *pós-tribulacionistas*)<sup>56</sup>, embora os dois grupos concordem em alguns pontos, o ponto mais importante de discordância é a relação da Igreja com a *tribulação* (considerando-se a doutrina do *arrebatamento*), conforme Erickson (p. 114, 2010).

Tal discordância entre *pré-milenistas* (*pré* e *pós-tribulacionistas*) implica em questões de importância prática<sup>57</sup>: “em seu conceito da iminência a qualquer momento, o *pré-tribulacionismo* dá um senso de expectativa à fé cristã. A igreja primitiva aguardava ansiosamente a vinda do Senhor” (ERICKSON, p. 175, 2010) – tal perspectiva pode ser confundida com a expectativa ‘por um *rapto* certo’, no entanto, a partir de compreensão errônea acerca da natureza da *grande tribulação*: uma vez que seriam ‘guardados de quaisquer tribulações’ por serem ‘pentecostais’, por exemplo. Crentes, assim, podem estar plenamente confiantes (relaxadamente), orgulhosos, e alheios a circunstâncias críticas, que demandem algum posicionamento, por exemplo.

281

Também, crentes *pós-tribulacionistas*, e especialmente, os *amilenistas* e os *pós-milenistas* podem se encontrar desapercibidos, por não crer na doutrina acerca do *arrebatamento*, por exemplo; ou mesmo, por deter, igualmente, uma percepção errônea sobre a natureza da *grande tribulação* – considera-se o risco quanto à perda de feliz oportunidade (e única) de não presenciar o *dia do Senhor*<sup>58</sup>. “Em meio aos *liberais* e *amilenistas* <sup>59</sup> o assunto é amplamente ignorado” (WALVOORD, p. 11, 18 e 23-34, 2021).

Mais objetivamente, apesar da doutrina sobre o *rapto* da igreja ser teologicamente estabelecida, existem dúvidas, principalmente, acerca do ‘tempo

---

<sup>56</sup> “Os *pré-tribulacionistas*, que geralmente são dispensacionalistas, frequentemente têm um tom mais judaico quanto ao milênio, em sua escatologia e em toda a sua teologia, do que os *pós-tribulacionistas*” (ERICKSON, p.114, 2010).

<sup>57</sup> “Há muitas e grandes implicações práticas e doutrinárias” (WALVOORD, p. 20, 2021).

<sup>58</sup> “Não há língua nem dialeto que descreva ou tente explicar o capítulo mais tenebroso da história da humanidade. O ‘dia do Senhor’ atingirá terrivelmente aos que ficarem na terra” (MELO, p. 57, 2021).

<sup>59</sup> “Essa corrente teológica surgiu no Egito a partir de 190 d. C., tendo em Orígenes, bispo de Alexandria, seu maior expoente. Perdurou por todo o terceiro século de nossa era, formulando e defendendo a idéia de que a Bíblia deveria ser entendida de forma alegórica e não literal” (SILVA, p. 28, 2014).

da *transladação*’ (sobre quando será esse tempo) – pois, a grande questão é: estar preparado para tal evento (sendo que, essa preparação se dá num período imediatamente anterior ao mesmo)<sup>60</sup>.

“É impossível discutir as questões pertinentes ao tempo do *arrebatamento* sem assumir a autoridade das Escrituras [...] se (o *arrebatamento*) é um evento literal e futuro, tem grande importância para a esperança da Igreja. Essa doutrina faz parte da verdade mais ampla sobre a *segunda vinda do Senhor Jesus Cristo*. Ela depende da veracidade e autoridade das Escrituras” (WALVOORD, p. 18, 2021).

“Arrebatamento, do grego, *harpazó* (rapto, remoção, súbito) será um dos mais marcantes eventos para todos os que esperam confiantes na vinda do Senhor <sup>61</sup>” (MELO, p. 43, 2021) – “o efeito do arrebatamento é retirar a igreja de cena da história do mundo durante os sete anos de tribulação” (ERICKSON, p. 157, 2010). De acordo com Erickson (p. 157, 2010), a palavra grega ‘geralmente relacionada’ <sup>62</sup> com o arrebatamento é *parousia* (transliterada por parúsia) – na verdade, arrebatamento deriva de *rapere*, tradução latina para ‘arrebatar’ (cf. 1Ts 4.17). “*Parousia*: palavra usada em referência ao *retorno de Jesus Cristo*, que ocorre 24 vezes no Novo Testamento, numa variedade de conexões. Como sua etimologia indica, a palavra significa estar perto ou ao lado” (PENTECOST, p. 182, 2006).

No entanto, em relação ao ‘tempo da *transladação*’ <sup>63</sup>, alguns estudiosos focam a atenção para o ‘período ante *arrebatamento*’ (anterior) – ou seja, a partir da ‘tentativa de determinação do momento do *arrebatamento*’ (assim, o ‘período anterior ao arrebatamento’ seria o de ‘alerta e de preparação’). Isso porque

<sup>60</sup> “Embora seja óbvio que no plano de Deus, o *arrebatamento* é um evento datado com eventos que o precedem e que se seguem, conforme a doutrina é exposta nas Escrituras, os cristãos são exortados a ficarem atentos para a vinda do Senhor” (WALVOORD, p. 241, 2021).

<sup>61</sup> “O pentecostalismo nunca deixou de manifestar nas suas mensagens bíblicas e teológicas o advento da maior esperança da Igreja, na atual dispensação da graça: o *arrebatamento* dos santos” (MELO, p. 39, 2021).

<sup>62</sup> “Alguns *pré-tribulacionistas* têm errado ao afirmar que a palavra *parousia* é um termo técnico que se refere ao *arrebatamento*. Que isso está errado é demonstrado pelo uso da palavra em referência à vinda de Cristo após a tribulação (Cf. Mt 24. 3, 27, 37, 39; 1 Ts 3.13; 2 Ts 2. 8; 2 Pe 1. 16)” (WALVOORD, p. 207, 2021).

<sup>63</sup> “O ‘xis da questão’ é quando ocorrerá o *arrebatamento*” (WALVOORD, p. 206, 2021). “Esse é o evento mais importante dos tempos finais” (WALVOORD, p. 218, 2021).

muitos autores (da escatologia pentecostal, principalmente) opinam com veemência acerca do *arrebatamento* do corpo de Cristo ocorrendo no capítulo 4 de Apocalipse – conforme Silva (2022), na opinião de alguns comentaristas do livro de Apocalipse, *João* sendo arrebatado em espírito serve de figura expressiva do *arrebatamento* da Igreja da terra para a recâmara celeste.

Por exemplo, Melo (p. 27 - 28, 2021) advoga tal linha de pensamento, interpretando o “momento do *arrebatamento*” a partir do livro de Apocalipse, conforme o seguinte: capítulo 4 – a Igreja arrebatada (*‘João* arrebatado aos céus’ prefigura a Igreja sendo arrebatada); capítulo 5 – a Igreja glorificada; capítulos 6 a 18 – a *grande tribulação*. Também para Alexandre Júnior (p. 635 - 636 e 650, 2021), o cenário descrito no capítulo 4 de Apocalipse parece sim reproduzir a igreja arrebatada, sendo recompensada com suas coroas de ouro. Já Walvoord (2021) apresenta que a visão *pré-tribulacionista* fornece uma explicação para o começo da *grande tribulação* em Apocalipse capítulo 4 a 18 (WALVOORD, p. 75 e 223, 2021), com citações sobre o capítulo 6 (WALVOORD, p. 79, 2021); e que a visão *meso-tribulacionista* consideraria o começo da *grande tribulação* antes da sétima trombeta de Apocalipse 11 (WALVOORD, p. 142, 2021). Lopes (p. 22, 2005) é bastante abrangente, e sobre a doutrina do *arrebatamento*, apenas menciona.

Ao longo do tempo, a forma especulativa de pensamento sobre a escatologia bíblica tem se popularizado<sup>64</sup>. No contexto de forte e dura mensagem profética, seria preferível, por exemplo, que a Igreja ‘se ausentasse’ da terra ‘logo no início’, antes de ‘qualquer circunstância’ considerada ‘ruim, difícil, triste, penosa, ou, desfavorável’ (uma teoria falaciosa, no entanto, facilmente aceitável para muitos da população)<sup>65</sup>.

---

<sup>64</sup> “Há presentemente no mundo uma multidão de homens e mulheres que se intitulam videntes, astrólogos, magos, adivinhos, futurólogos, profetas, cada um procurando satisfazer a curiosidade de uns e a sede da verdade de outros, quanto ao futuro do mundo e da humanidade. Há muito de abuso da credulidade pública em tudo isso” (GILBERTO, p. v, 2022).

<sup>65</sup> “Os estudiosos tem-se esforçado para estudar, entender e divulgar os acontecimentos futuros, embora, diga-se de passagem, alguns, talvez na ansiedade de ‘provarem’ as verdades proféticas, se apressem em anunciar ‘teorias’ como se fossem verdades irrefutáveis ou absolutas, o que acarreta em descrédito para a doutrina escatológica, não para a Bíblia, pois ela é inerrante, uma vez que é a Palavra de Deus” (SILVA, p. 18, 2014).

Acerca de passagens escatológicas Gilberto (p. 132, 2022) destaca que não se pode ser dogmático, como donos exclusivos da verdade. O autor francamente confessa: “que desconhece a interpretação de inúmeras passagens escatológicas. Nesse particular tem dito “não sei” e “aguarde” (cf. 1 Co 13.12) [...] Maiores estudos e maior iluminação do Espírito Santo através da Palavra profética adicionarão novos detalhes” (GILBERTO, p. xiii, 2022). Ou seja, mesmo que se compreenda muito sobre a vinda de Jesus, ela encerra detalhes que somente serão revelados e compreendidos quando esse glorioso acontecimento ocorrer, como citado em Gilberto (p. 18 - 19, 2022)<sup>66</sup>.

Em relação ao capítulo 4 de Apocalipse, em análise comentada do livro (versículo a versículo), Silva (p. 65, 2022) apresenta uma perspectiva diferenciada e mais coerente:

“A partir desse capítulo o livro de Apocalipse é completamente futurístico e a visão muda também de posição geográfica: da terra para o céu. [...] Uma porta abre-se no céu para que o homem (João) entre. Com esta porta aberta inicia-se a parte verdadeiramente profética do livro. Esta porta é a porta da “revelação”. Através dela Deus mostrará aos seus servos “as coisas que depois destas devem acontecer” [...] Há uma grande facilidade com que as cenas no Apocalipse mudam do céu para a terra. João, em sua visão, é levado ao céu em 4.1 e permanece lá até o fim do capítulo 9. No capítulo 10 ele está novamente na terra, porque vê o anjo “que descia do céu” (10.1), onde permanece até 11.13; em 11.15-19 a cena da visão novamente se desenrola no céu. Parece que no capítulo 12 o vidente está de novo na terra, mas em 14.18-19 presume sua presença no céu” (SILVA, p. 65 - 66, 2022).

---

284

É interessante observar em Silva (p.65 - 66, 2022) que, a partir do capítulo 4, a linguagem do texto profético é totalmente descritiva: *João*, de um local privilegiado ‘de cima (céu) para baixo’ ou, ‘de baixo (terra) para cima’, com aponta o autor, é orientado a olhar (para baixo, ou, para cima)<sup>67</sup>, para ver o que

---

<sup>66</sup> “‘Mistério’ é o que diz em 1 Co 15.51. Certos eventos da vinda do Senhor interpenetram-se ou se sobrepõem. Às vezes os estudamos em pontos separados para facilitar a compreensão, quando na realidade eles se combinam na marcha dos acontecimentos. A divisão desses assuntos em pontos distintos do livro dá a impressão de que há um limite divisório no tempo entre eles” (GILBERTO, p. 18, 2022).

<sup>67</sup> “Algumas vezes o anjo conduz o vidente numa viagem (cf. Ez 40; Ap 11.1-2)” (ALEXANDRE JÚNIOR, p. 629, 2021). Acerca da interpretação de Apocalipse, Tenney (2008) também aponta para a aparição de imagens, em sequência: “o livro consiste de uma série de visões, cada uma das quais é uma unidade em si [...] Essas

irá acontecer; e segue-se a descrição dos fatos – por ser um texto que aponta para o futuro, pode-se inferir que a ação inicial quanto aos fatos descritos (o *start*, no início, em relação às circunstâncias seguintes apresentadas) não parte diretamente do Senhor Todo-Poderoso – o Senhor Criador apenas mostra (revela) os acontecimentos futuros ao profeta, que o descreve assim ‘como vê ou consegue identificar’.

Não se pode ignorar o livre arbítrio e a responsabilidade do homem<sup>68</sup> na condução da sua própria história – quanto a questões de caráter ético, por exemplo, que deveriam ser impostas a partir de “grande perturbação” humana (pela consideração acerca do ‘próximo’<sup>69</sup>), mas muitas vezes não se transformam em “crise de cada consciência” (BARTH, p. 489, 2016). No entanto, o Criador possui o conhecimento dos fatos pela sua pré-ciência (e o quis revelar a *João*); ou seja, apesar das decisões humanas no decorrer da história, o final da história já é sabido, e está em Seu pleno controle. O homem planeja e age sim – mas o Senhor entrará em juízo acerca de toda ação humana (cf. Eclesiastes 3.15)<sup>70</sup>. Especialmente o livro de Apocalipse, ao final, é sobre ações Divinas de juízo<sup>71</sup> (GILBERTO, p. 89 - 93, 2022).

---

divisões são de conteúdo variado e de comprimento desigual, mas dão ao livro uma estrutura unitária” (TENNEY, p. 399, 2008).

<sup>68</sup> “O final da ‘exortação’ paulina e, com isso, da notificação paulina em geral é uma *advertência*, dirigida a todos aqueles que agora talvez concordem e se sintam confirmados em seus próprios pensamentos [...] Pois, se ao final a Carta aos Romanos se revoga a si própria, contrapondo justamente aos seus leitores entendidos, sensíveis, predispostos ao paulinismo um taxativo ‘pare!’, então é porque com isso e só com isso ela preserva a si própria. E a prova exemplificada para cada leitor é se ele, devido a essa *advertência*, suporta abrir mão mais uma vez de tudo o que crê ter compreendido e aprendido” (BARTH, p. 486 e 488 - 489, 2016).

<sup>69</sup> Erickson (p. 19, 2010) aponta para o infinito valor da alma humana: “Por Deus ter a cada ser humano em tão alta estima, também deveríamos estimar nosso próximo. Isso contribui para a ênfase na fraternidade dos homens. Jesus reduziu toda a lei a dois mandamentos: amar ao Senhor Deus com todo o coração e amar ao próximo como a si mesmo [...] a parábola do bom samaritano é o modelo de relacionamento que o homem deveria ter com outros homens” (ERICKSON, p. 19 - 20, 2010).

<sup>70</sup> A idéia de uma nova aliança (cf. Jr 31.31-34) reforça o seu caráter interior e espiritual, “mas também contém a promessa de perdão pela iniquidade do povo” (GUTHRIE, p. 447-448, 2011). “A morte de Cristo foi vista como diretamente relacionada à remissão de pecados” (GUTHRIE, p. 452, 2011). No entanto, “em nenhum lugar do NT o amor de Deus é colocado contra sua justiça. O sacrifício de Cristo tem a ver tanto com um quanto com outra” (p. 451). “Certamente, a exortação ‘rogamos que vos reconcilieis com Deus’ (cf. Co 5.18ss.) espera uma resposta moral por parte do homem” (GUTHRIE, p. 493, 2011).

<sup>71</sup> “Todos concordam que o clímax do dia do Senhor, no que diz respeito ao julgamento das nações, ocorre no Armagedom e é promovido pela destruição dos exércitos na segunda vinda em Apocalipse 19” (WALVOORD, p. 265, 2021).

Também, outra ‘temática popularmente anunciada’ é acerca da divulgação da notícia sobre o *arrebatamento* ao mundo, pelos canais midiáticos ou sociais. Gilberto (p. 21, 2022) cita que “o mundo não tomará conhecimento do fato, como muitos estão ensinando, baseados em seus sentimentos” – pois o *rapto* da igreja é um acontecimento secreto, reservado para os que são de Cristo (no arrebatamento, Jesus não vem a terra, ao solo); e o mundo apenas saberá quando notar a ausência de cristãos.

Certamente, as circunstâncias a serem vivenciadas no período ditarão o que deverá ser apresentado pela grande mídia – logo, a falta de cristãos poderá nem ser percebida. “Jesus após ressuscitar, ministrou aos seus discípulos durante 40 dias, sem o mundo ter qualquer participação nem ingerência (At 1.3). Também em João 12.28, 29 e Atos 22.9 fatos ocorreram da parte de Deus a que o mundo ficou alheio” (GILBERTO, p. 21, 2022).

Sobre o ‘tempo da *transladação*’<sup>72</sup>, o mais apropriado é focar a atenção para o ‘período ante *tribulações*’ (anterior) – ou seja: a partir da ‘tentativa de determinação do momento relativo ao aumento de *tribulações* (mas atentando também para um provável contexto anterior de *falsa paz*’) com a caracterização acerca da natureza do momento denominado *grande tribulação*, e a devida diferenciação entre os termos’, considerando-se os ‘sinais’<sup>73</sup> (GILBERTO, p. 16- 18, 2022). O alerta, e a preparação da Igreja, seriam então durante esse período – a idéia é a de que haverá um momento de *tribulações* (que poderá

---

<sup>72</sup> Conforme o apóstolo Paulo escreveu acerca de ‘tempos’ (*chronoi*) e ‘datas’ (*kairoi*) (cf. 1 Ts 5.2) – “os tessalonicenses sabiam que o ‘*dia do Senhor*’ estava se aproximando, todavia, como a vinda de um ladrão na noite, não haveria como datar com precisão” (WALVOORD, p. 261, 2021). Não haverá “nenhum aviso sobre a ‘grande tribulação’” (WALVOORD, p. 248, 2021), em relação ao seu preciso início – o autor ressalta a importância acerca do ‘conforto’ e ‘encorajamento’ dos cristãos até o momento dos ‘vivos’ “se juntarem aos seus parentes que tinham morrido” (WALVOORD, p. 248, 2021).

<sup>73</sup> “Ou ‘princípios das dores’ (cf. Mt 24.8), cada vez mais intensas (GUTHRIE, p. 798, 2011): “pontadas” sentidas pelas mães grávidas [...] dores de parto” (RICHARDS, p. 124, 2021) ou “repetitivos ciclos de tempos medonhos e perigosos” (HITCHCOCK & KINLEY, p. 115, 2019). Também acerca dos sinais descritos no capítulo 24 de Mateus, o texto não apresenta os eventos em ordem cronológica, conforme Villas Boas (p.73, 20-?), uma vez que, Jesus não tinha qualquer intenção em revelar o dia ou hora de sua vinda: “A palavra ‘*então*’, no início de Mateus 24.30, traduz um vocábulo grego de sentido muito geral (*tote*), dando a entender que os acontecimentos ocorrerão, todos, dentro do mesmo período de tempo, mas não necessariamente na ordem apresentada” (VILLAS BOAS, p. 73, 20-?).

atingir níveis extremos, por alto impacto<sup>74</sup>; podendo haver perdas<sup>75</sup>, inclusive); sendo que, ao final desse período, os que ‘ficarem’ ou ‘restarem vivos’ serão arrebatados<sup>76</sup> (cf. 1Ts 4.13 - 17) (juntamente, com os ‘não vivos’<sup>77</sup>), antes do período considerado como *grande tribulação* (GILBERTO, p. 20, 2022).

“O *pré-tribulacionismo* mantém a distinção escriturística entre a *grande tribulação* e a *tribulação/tribulações* em geral, que a precede”<sup>78</sup> (WALVOORD, 2021). O entendimento mais correto acerca da *grande tribulação* é necessário; pois, “a grande questão acerca da passagem da Igreja pela *grande tribulação* depende da compreensão da natureza da *grande tribulação* (WALVOORD, p. 20 - 21, 2021)”<sup>79</sup>.

---

<sup>74</sup> “Os eventos que Jesus menciona (cf. Mt 24) são realmente terríveis [...]. Que imagens nós temos de guerra! Refugiados em fuga, enfileirados ao longo da estrada, enquanto aviões de guerra mergulham para bombardeá-los. Os judeus [...] esperando por vagões de carga que os levarão embora [...]. *Napalm*, uma chuva de glóbulos de fogo sobre aldeões que gritam desesperados [...]. Restaurantes explodindo [...] Terremotos [...] enterrando crianças e avós. Fome [...]” (RICHARDS, p. 123 - 124, 2021). No entanto, pontuando esses terrores como ‘princípio’, Jesus quis dizer que os mesmos “jamais devem ser confundidos com os juízos (finais) que aguardam a humanidade” (RICHARDS, p. 123 - 124, 2021).

<sup>75</sup> Há mensagem específica para o consolo dos fiéis pela “esperança consoladora (cf. 1 Ts 4.18)” (WALVOORD, p. 45 - 46 e 88, 2021).

<sup>76</sup> Há um sentido de livramento, de escape e de salvação em relação ao retorno de Jesus (a ser realizado em duas fases; sendo o *arrebatamento*, na primeira) – como bem destacado em Villas Boas (p. 33, 20-?), é necessário clamar por socorro na hora da necessidade, pois Jesus está voltando para nos socorrer: “a palavra ‘*socorrer*’ é extremamente expressiva, sendo derivada do grego (*boë*) – um ‘grito’, e (*theo*) – ‘correr’ (Hb 2.18). O sentido completo é ‘correr em atendimento a um grito’” (VILLAS BOAS, p. 33, 20-?).

<sup>77</sup> Acerca de um ‘mundo invisível’ Angus (p.746, 2003) aponta para uma interessante perspectiva no livro de Apocalipse: “há uma constante e profundíssima conexão entre o mundo visível e o invisível, quer sejam pelas orações e louvores dos crentes, subindo continuamente até o trono de Deus, quer sejam os mensageiros da ira e da misericórdia, vindos do céu para a terra” (ANGUS, p. 746, 2003).

<sup>78</sup> Villas Boas (p. 90-91, 20-?) ressalta que os julgamentos da tribulação, referidos no livro do Apocalipse, não pertencem à mesma classe de ‘tribulações’ e ‘aflições da vida’ (*thlipsis*) (1Ts 5.9-10; Apoc 3.10) – representam ‘a ira de Deus’ – a ‘*grande tribulação*’ é a manifestação da ‘ira de Deus’ sobre a face da terra. E a igreja de Cristo não foi destinada para a ira (Cf. 1Ts 1.10)” (VILLAS BOAS, p. 90 - 91, 20-?). “A palavra tribulação significa: *comprimir com força*” (VILLAS BOAS, p. 83, 20-?) – para que haja a reflexão acerca de uma ‘força’ empregada como sendo ‘grande’, por exemplo.

<sup>79</sup> A natureza do período denominado ‘*grande tribulação*’ ou ‘*dia do Senhor*’ é: “de ira (Sf 1.15, 18; 1Ts 1.10; 5.9; Ap 6.16, 17; 11.18; 14.10, 19; 15.1, 7; 16.1, 19), julgamento (Ap 14.7; 15.4; 16.5, 7; 19.2), indignação (Is 26.20, 21; 34.1-3), provação (Ap 3.10), problemas (Jr 30.7; Sf 1.14, 15; Dn 12.1), destruição (Jl 1.15; 1 Ts 5.3), escuridão (Jl 2.2; Am 5.18; Sf 1.14-18), desolação (Dn 9.27; Sf 1.14,15), transtorno (Is 24.1-4, 19-21), castigo (Is 24.20,21)” (PENTECOST, p. 258, 2006). Há ainda aspecto a considerar referente à ‘ira de satanás’, dada a sua atuação nesse período tribulacional “na sua hostilidade contra Israel (Cf. Ap 12.12-17) [...] e contra os santos (Cf. Ap 13.7)” (PENTECOST, p. 259, 2006). Caso não sendo arrebatados, no “tempo de ‘ira divina’, pode ser que os salvos durante a tribulação sejam salvaguardados” (WALVOORD, p. 249, 2021). “Todos concordam que haverá crentes durante a ‘*grande tribulação*’” (WALVOORD, p. 198, 2021). Pentecost (2006) ainda esclarece – sobre o “tempo de ira” (WALVOORD, p. 266, 2021): “não é ‘ira dos homens’, nem ‘ira de satanás’, a não ser à medida que Deus os utilize como canais para execução de Sua vontade [...] esse período difere [...] não apenas em intensidade, mas também em tipo, já que ‘vem do próprio Deus’” (PENTECOST, p. 260, 2006). No entanto, esse ‘lado severo’ da natureza divina não contradiz o ‘seu amor’, anterior (e longânime) ao ‘derramar da ira’, (GUTHRIE, p. 474 – 475, 2011) – “a obra sacrificial de Cristo foi uma provisão do amor de Deus (Cf. Rm 5.8)” (GUTHRIE, p.474, 2011).

Importa ainda destacar que, o termo *ira de Deus* (Cf. 1 Ts 1.9-10; 5.9; Rm 5.9) (em referência ao *dia do Senhor*), é o que se encontra nas Escrituras Sagradas – e sem dúvida, o manifestar da *ira de Deus* será de uma tribulação (*thymos* e *orge*) terrivelmente grande na história da humanidade – pois “Deus não vai esperar ‘pra sempre’ [...] a ‘tolerância’ e a ‘paciência’ de Deus darão lugar à ira global” (HITCHCOCK & KINLEY, p. 107, 2019): “o *dia do Senhor* será um dia de feroz ‘intolerância’.

Não é muito melhor voltar-se para ‘a graça de Deus’ enquanto ela ainda é livremente oferecida?” (HITCHCOCK & KINLEY, p. 107, 2019) – na ‘presente era’, o convite está aberto ainda, e se estende aos fiéis, mas especialmente, aos (ainda) não fiéis a Jesus, o Messias.

Com relação ao credo popular evangélico brasileiro (pentecostal), num contexto de coletividade e múltiplas perspectivas acerca do ‘tempo da *transladação*’, a *Declaração de Fé* da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil (2016) vem nortear uma população de crentes, que professam a mesma fé, orientando de forma prática, direta, sucinta, e específica; como também, salvaguardando aquilo que é mais corretamente e teologicamente verificado e concordado, conforme o seguinte (QUADRO 1):

Quadro 1: Consenso Teológico do Credo Popular Nacional (pentecostal)

| EVENTOS ESCATOLÓGICOS   | O QUE SE DEVE CRER, PROFESSAR E ENSINAR                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|-------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Segunda Vinda de Cristo | <ol style="list-style-type: none"> <li>Evento a ser realizado em duas fases: <ol style="list-style-type: none"> <li>A primeira fase é o <b>arrebatamento</b> da Igreja, antes da <i>Grande Tribulação</i>, momento em que “<i>nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados</i>” (1 Ts 4.17);</li> <li>A segunda fase é a <b>vinda em glória de Jesus Cristo</b>, depois da <i>Grande Tribulação</i> e visível aos olhos humanos.</li> </ol> </li> </ol>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| Arrebatamento da Igreja | <ol style="list-style-type: none"> <li>Termo usado para designar o rapto dos santos da face da terra para o encontro com o Senhor nos ares (é a primeira fase da Segunda Vinda de Cristo);</li> <li>Os mortos em Cristo e os santos do Antigo Testamento serão ressuscitados primeiro, seguindo-se a transformação dos salvos vivos e o simultâneo encontro de ambos os grupos com o Senhor nos ares;</li> <li>Será invisível aos olhos do mundo;</li> <li>Ocorrerá em fração de segundos;</li> <li>O corpo humano será transformado num corpo glorioso (que estará revestido de incorruptibilidade e imortalidade);</li> <li><b>Será um evento repentino;</b></li> <li><b>Será um evento secreto;</b></li> <li><b>Será precedido por sinais: apostasia, guerras, fomes, catástrofes naturais, perseguições</b> – obs.: como consequência, a partir desses sinais, por exemplo, poderá haver dor, sofrimento, e até perdas – “<i>nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados</i>” (1 Ts 4.17);</li> <li><b>Não pode ser visualizado antecipadamente</b> – (ou pré-determinado) logo, não se sabe quando ocorrerá;</li> <li><b>Não pode ser datado por nenhum sinal, particularmente;</b></li> <li><b>A condição para fazer parte desse glorioso evento é estar em Cristo.</b></li> </ol> |
| Grande Tribulação       | <ol style="list-style-type: none"> <li>Durará sete anos;</li> <li>Trata-se de um período de transição entre a <i>dispensação da Igreja</i> e o <i>Milênio</i>;</li> <li>É um tempo de angústias e sofrimentos sem precedentes na história: “<i>porque haverá, então, grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco haverá jamais</i>” (Mt 24.21);</li> <li>O período é também conhecido como “<i>Dia do SENHOR</i>” (terminologia utilizada no Antigo e também no Novo Testamento) – manifestação da <i>ira de Deus</i>;</li> <li>Terá seu início somente depois que a Igreja for arrebatada da terra;</li> <li>Essa etapa da história foi determinada por Deus para fazer justiça contra a rebelião dos moradores da terra e também para preparar a nação de Israel para o encontro com o seu Messias;</li> <li>A cidade de Jerusalém será ainda tomada por pouco tempo, pois, no final da <i>Grande Tribulação</i>, o Senhor Jesus descerá para livrar o seu povo;</li> <li>O apóstolo João relata a futura vitória de Cristo junto com seus santos sobre a <i>Besta</i> e sobre o <i>Falso Profeta</i>.</li> </ol>                                                                                                                                  |

Fonte: Adaptado da *Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil* (2016).

## Conclusão

A doutrina do *arrebatamento* é bíblica, teologicamente fundamentada e consolidada, e representa a fé e a confiança depositada no Senhor Todo-Poderoso e Criador que cuida, e que livra os fiéis em Jesus, o Cristo, *da ira futura*.

“Desde o início, a Igreja acreditou que a vinda de Cristo era iminente” (WALVOORD, p. 13, 2021); no entanto, certas questões acerca do exato caráter do esperado retorno de Cristo persistem até hoje – o estudo dedicado contribui com o assunto, conforme Walvoord (p. 14, 2021), mas nem sempre; devido à dificuldade de interpretação dos textos escatológicos.

Por todo o exposto, conclui-se, por exemplo, que a fiel interpretação do livro de Apocalipse não é possível – por se tratar de uma profecia (LOPES, p. 14, 2005) – sabe-se que um cenário profético foi visualizado (visões, ou *flashes* de revelações foram apresentados) (SILVA, 2022); no entanto, qualquer tentativa de interpretá-los não passa de perspectiva (inclusive, quanto ao período de duração dos mesmos, por exemplo) (ESCOBAR, 2016). Certo é que, ao final dos tempos, com o cumprimento das profecias, a interpretação será única – mas isso apenas poderá ser verificado *post-factum* (antes dos eventos acontecerem será impossível decifrá-los em sua plenitude) (ESCOBAR, 2016; FERREIRA, 2022) – acima de tudo, crer na ‘Escritura profética’, como Palavra de Deus, é fundamental (ESCOBAR, p. 61 - 62, 2016).

E existe sim, um ‘perfeito acordo’ entre os intérpretes do Apocalipse em relação às ‘mais importantes verdades’ que o livro encerra (e que contribuem em alto grau para a fé e o amor, o valor e a paciência, a esperança e a alegria, de quantos seguem a Jesus Cristo), de acordo com Angus (p. 746 - 747, 2003).

Villas Boas (p. 38-39 e 67, 20-?) cita ser de suma importância que tenhamos um conhecimento mais aprofundado pela Palavra de Deus quanto à escatologia; uma vez que, muitos falsos ensinamentos e vãs filosofias têm surgido (cf. Mt 24.11) – e infelizmente, alguns líderes fazem interpretações errôneas e falsas das Escrituras.

Hitchcock e Kinley (2019) apontam para o ataque à sã doutrina nesses últimos tempos; e a redução, rejeição ou substituição da Bíblia pelo modo como as pessoas se sentem sobre qualquer tópico moral ou teológico que esteja sendo considerado.

Em relação à condição atual da raça humana, o relato histórico acerca do navio *Mary Celeste* é utilizado, como exemplo, por Hitchcock e Kinley (2019): em 1872, a embarcação foi encontrada flutuando, sem rumo, em alto mar, e abandonada (sem tripulação); no entanto, e curiosamente, em condições de navegar. A trágica história do *Mary Celeste* tornou-se um dos mistérios mais

complicados da história marítima – “o *Mary Celeste* ganhou a permanente infâmia de ser o típico exemplo de navio fantasma da história [...] na ausência do capitão ou da tripulação, o navio tinha-se afastado do curso em alto mar por cerca de duas semanas, antes de ser encontrado” (HITCHCOCK & KINLEY, p. 11 - 13, 2019).

Hitchcock e Kinley (p. 13, 2019) citam que, assim como o *Mary Celeste*, a humanidade está “à deriva” – perdida num mar turbulento de confusão e incertezas – e tal circunstância caracteriza um momento obscuro global, de carga distintamente apocalíptica (o mundo rumo à destruição) (HITCHCOCK e KINLEY, p. 13, 2019; FERREIRA, 2022). Navega-se em ondas originárias da repercussão à recusa quanto ao reconhecimento da existência do Criador e de seu direito real de governar sua própria criação: “Deus nos entrega a nós mesmos” (HITCHCOCK & KINLEY, p. 21, 2019).

E numa menor escala, segundo Hitchcock e Kinley (p. 23, 2019), os cristãos também estão em um perigo interno e mortal: A Igreja encontra-se hoje navegando em suas próprias “águas turbulentas”, à deriva, longe do curso inicial traçado por Deus; e se enchendo perigosamente de água (o que configura o “naufrágio da fé” – 1Tm 1.18-20). “O abandono da fé é conhecido como ‘apostasia’; que pode acontecer ao longo do tempo, sem que se dê em conta [...] As pessoas, igrejas, e mesmo, denominações inteiras se desviam, vacilam e afundam. Alguns sucumbem a erros doutrinários, por exemplo” (HITCHCOCK & KINLEY, p. 25, 2019).

Também, a falsa doutrina ao se misturar com o orgulho, leva a uma atitude de superioridade, complacência e auto-retidão humana, conforme os autores: “numa era da informação sem fim, onde automeados proclamadores da verdade vendem fórmulas de fé falsificadas a membros da Igreja inocentes e inexperientes, não é de surpreender que muitos se percam na neblina desorientadora” (HITCHCOCK & KINLEY, p. 27, 2019).

De acordo com Hitchcock e Kinley (p. 53, 2019), o ponto principal de qualquer crença é que, se ela não pode ser apoiada pelas Escrituras, ela não é nada mais do que pensamento ilusório, especulação ou teoria; e, se quisermos efetivamente batalhar pela fé neste mundo, precisamos ser homens e mulheres que sabem “o que, e por que nós cremos” – esse é o chamado de Deus para cada cristão (1 Pe 3.15) (HITCHCOCK & KINLEY, p. 67, 2019).

Como citado em Hitchcock e Kinley (p. 28, 2019), sem um retorno intencional à supremacia da Palavra de Deus em larga escala, a Igreja sucumbirá à apostasia e submergirá na letargia, apatia, impureza e sonolência espirituais – fato é que “a verdade de Deus não muda, não progride e não emerge” (HITCHCOCK & KINLEY, p.71 e 193, 2019), apesar do que a cultura ou o pensamento popular cristão possam propor; no entanto, “a percepção acerca da Palavra não pode ser nem incorreta e nem incompleta” (HITCHCOCK & KINLEY, p. 57, 86 e 155, 2019).

Hitchcock e Kinley (p. 53, 2019) também destacam que, de acordo com a Bíblia, toda crença bíblica é mais do que um consentimento intelectual (é mais do que um acenar espiritual de cabeça): em vez disso, ela ocorre quando, tanto a mente quanto a vontade, se comprometem com a verdade de Deus (a volição está envolvida, pois a fé é uma escolha consciente) – ou seja, a fé cristã não é “apenas desejar, ter esperança ou acreditar” (é mais do que isso): ela envolve um nível de confiança intelectual na verdade que Deus revelou por Sua Palavra.

Os fiéis em Jesus, o Cristo (e os que assim aspiram), precisam estar preparados, teologicamente melhor orientados<sup>80</sup>, fortalecidos por meio da fé (correta e completa) nas Escrituras Sagradas, e mesmo, psicologicamente<sup>81</sup>; pois o fim se aproxima (ERICKSON, p. 56, 2010; HITCHCOCK & KINLEY, p. 13 - 26, 2019; WALVOORD, p.12, 2021; FERREIRA, 2022). E, para a igreja

---

<sup>80</sup> “Devemos sempre nos esforçar para permanecer no alvo com Deus e sua Palavra [...] Quanto mais tempo continuamos viajando fora do curso, mesmo que por apenas alguns graus, mais longe de nosso destino pretendido nos desviamos” (HITCHCOCK & KINLEY, p. 28, 2019).

<sup>81</sup> Acerca de um universo de pessoas ao nosso redor a serem alcançadas e ajudadas (preparadas, orientadas e fortalecidas), Hitchcock & Kinley (p. 189 - 190, 2019) destacam os seguintes grupos: i) o dos *dúvidosos*; ii) o dos *enganados*; e iii) o dos *contaminados*.

(universal e interdenominacional), remida pelo sangue de Jesus, o mais importante evento escatológico (a última oportunidade de escape – para os que estiverem vivos, e ainda crendo – antes do terrível *dia do Senhor* será repentino e secreto (CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL, 2016).

## Bibliografia

- ALEXANDRE JÚNIOR, M. (2021). *O Novo Testamento: Uma Introdução Histórica, Retórico-Literária e Teológica*. São Paulo: Editora Vida Nova.
- ANGUS, J. (2003). *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia*. Tradução: J. Santos Figueiredo. São Paulo: Editora Hagnos.
- BARTH, K. (2016). *A Carta aos Romanos (segunda versão) 1922*. Tradução: Uwe Wegner. São Leopoldo: Sinodal/EST.
- BRADEN, G. (2002). *O Efeito Isaías: Decodificando a Ciência Perdida da Prece e da Profecia*. Tradução: Afonso Teixeira Filho. 1ª Edição (brasileira). São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix Ltda.
- BRAND, C. O.; DRAPER, C. W.; ENGLAND, A. W. (2018). *Dicionário Bíblico Ilustrado Vida*. 1ª Edição. São Paulo: Editora Vida.
- BRASIL. (2002). IBGE. *Censo 2010 - IBGE*. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>. Acesso em: Out/2022.
- BRASIL. (2002). IBGE. *Censo Amostra Religião - Ano 2010*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107?detalhes=true>. Acesso em: Out/2022.
- CAIRNS, E. E. (2008). *O Cristianismo através dos Séculos: uma História da Igreja Cristã*. Tradução: Israel Belo de Azevedo; Valdemar Kroker. 3ª Edição. São Paulo: Editora Vida Nova.
- CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL. (2016). *Declaração de Fé*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD).
- DAYTON, D. W. (2011). *Theological Roots of Pentecostalism*. Baker Academic.
- DESROCHE, H. (1969). *Dieux D'hommes - Dictionnaire des Messianismes et Millénarismes de l'Ère Chrétienne*. Paris: Mouton
- ERICKSON, M. J. (2010). *Escatologia: a polêmica em torno do milênio*. Tradução: Gordon Chown e Márcia Pekkala Barrios Medeiros. 2ª Edição. São Paulo: Editora Vida.
- ESCOBAR, J. C. (2016). *Profetas e Visionários: Conceito Bíblico de Visão Profética para os Crentes do Século XXI*. Tradução: Marcos Pereira. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD).
- FERREIRA, L. R. L. (2021). E-Navigation: Solução Safety e Sustentável para uma Nova Era? *Revista da Escola de Guerra Naval*. V. 27, Nr. 2. DOI: <https://revista.egn.mar.mil.br/index.php/revistadaegn/article/view/1146>.
- FERREIRA, L. R. L. (2022). Autonomous Technology in Scenario by Rare Geophysical Processes (Underwater Focus). *Global Journal of Science Frontier Research: (H) Environment & Earth Science*. Volume 22. Issue 5. Version 1.0. DOI: <https://doi.org/10.34257/GJSFRHVOL22IS5PG15>.
- GILBERTO, A. (2022). *O Calendário da Profecia: Conhecendo o Fim dos Tempos e o Tempo do Fim*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD).

- GUTHRIE, D. (2011). *Teologia do Novo Testamento*. Tradução: Vagner Barbosa. 1ª Edição. São Paulo: Editora Cultura Cristã.
- HITCHCOCK, M.; KINLEY, J. (2019). *A Apostasia Vindoura*: Expondo a sabotagem interna do cristianismo. Tradução de Leila Frank. Porto Alegre: Editora Obra Missionária Chamada da Meia-Noite.
- KAY, W. K. (2011). *Pentecostalism: A Very Short Introduction*. 1ª Edição. Oxford University Press.
- LOPES, H. D. (2005). *Apocalipse: O Futuro Chegou – As Coisas que em Breve Devem Acontecer*. 1ª Edição. São Paulo: Editora Hagnos.
- LOURENÇO, O. (2022). *Apresentação* (capa final). In: WILLIAM, E. Diálogos sobre o Pentecostalismo: Novas Histórias, Novas Narrativas. 1ª Edição. Joinville: Editora Santorini.
- MACARTHUR Jr., J. (2020). *O Poder do Sofrimento: o Propósito das Provações na Vida do Crente*. Tradução: Luís Aron de Macedo. 9ª Impressão. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD).
- MELO, E. C. (2021). *Escatologia Pentecostal: A Revelação Sistematizada na Teologia Pentecostal*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD).
- NASCIMENTO, M. L. S. (2022). *Um Olhar Pentecostal sobre a História da Igreja: de Jerusalém à Azusa*. In: WILLIAM, E. Diálogos sobre o Pentecostalismo: Novas Histórias, Novas Narrativas. 1ª Edição. Joinville: Editora Santorini.
- PATTERSON, D. K. (2014). *A Bíblia da Mulher: leitura, devocional, estudo*. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2ª Ed. (revista e atualizada). Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil.
- PENTECOST, J. S. (2006). *Manual de Escatologia: Uma Análise Detalhada Dos Eventos Futuros*. Tradução de Carlos Osvaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Editora Vida.
- RIBEIRO, L. M. P. (2023). A Mulher na Literatura Apocalíptica Judaica e Cristã. *Mandrágora*. V.29, nr. 01, p. 25-54.
- RICHARDS, L. (2021). *Comentário Histórico-Cultural do Novo Testamento*. Tradução: Degmar Ribas Júnior. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD).
- ROTZ, C. (2015). *Novo Comentário Bíblico Beacon: Apocalipse*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel Ltda.
- SILVA, S. S. (2014). *A Grande Tribulação: Palco do Anticristo*. 1ª Edição. Recife: Bereia Editora.
- SILVA, S. P. (2022). *Apocalipse: Versículo por Versículo*. 44ª Impressão. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD).
- SOUZA, J.; SANTOS, J. (2018). *Assembléia de Deus em Pernambuco: um Século de Pentecostes*. Recife: Bereia Editora.
- STERN, D. H. (2008). *Comentário Judaico do Novo Testamento*. 1ª Edição (brasileira). São Paulo: Didática Paulista. Belo Horizonte: Editora Atos.
- TENNEY, M. C. (2008). *O Novo Testamento: sua Origem e Análise*. Tradução: Antonio Fernandes e Walter M. Dunnett. São Paulo: Shedd Publicações.
- VIDAL, C. (2021). *Mais que um Rabino: A Vida e os Ensinamentos de Jesus, o Judeu*. Tradução: Vera Jordan. 1ª Edição. São Paulo: Editora Hagnos.
- VILLAS BOAS, L. F. (20-?). *A Escatologia: A Doutrina das Últimas Coisas com uma Metodologia Simplificada*. Rio de Janeiro (Apostila - Pastor Lauri Franco Villas Bôas). Lauri Franco Villas Bôas.
- WALVOORD, J. (2021). *O Arrebatamento: Fundamentos da Escatologia Pré-Tribulacionista*. Tradução: Ivan Santos. 1ª Edição. Natal: Editora Carisma.